

ILUSTRAÇÃO

O ESFORÇO PORTUGUÊS
EM AMSTERDAM, NO
FOOT-BALL OLÍMPICO
—
POR PORTUGAL!

O ESFORÇO PORTUGUÊS
EM MADRID, NO CONCUR-
SO HÍPICO
—
POR PORTUGAL!



POR UM PORTUGAL MAIOR!

Lisboa, 1 de Julho de 1928

3.º ANO
NÚMERO 61

PREÇO

4\$00



**HISTORIA
DA
LITERATURA
PORTUGUESA
ILUSTRADA**

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS — LISBOA

BOLETIM DE ASSINATURA

*Desejo assinar a HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA por.....
.....(3 meses, 6 meses, 1 ano ou receber pelo correio contra reembolso, conforme assinatura especial abaixo indicada).*

NOME

MORADA

Lisboa, de de 192...

ASSINATURA

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS:

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

Assinatura (pagamento adiantado)

3 meses	6 meses	1 ano
33\$00	65\$00	128\$00

REGISTADO

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHIA	34\$50	67\$00	132\$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR	36\$00	79\$00	138\$00
ESTRANGEIRO	37\$00	72\$00	142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO BALÃO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonização do Brasil*.
CRISTÓFÃO ALVES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
CORREIO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NEVES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências de Lisboa, director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camoanenses na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÓLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA PONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.
MOROS HENSBART AMZALACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P. M. LARANJO COELHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIROZ VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORNAL, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32 x 25)

EM TOMOS MENSIS DE 32 PAGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

SAIRÁ EM JUNHO

E CONTERÁ

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e facsimiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a cores.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosíssima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALISADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... .. 10\$00



Cinco indiscutíveis razões vos disem : leve para férias um "Kodak".

1

Preparareis a historia das vossas férias.

A historia das vossas férias, em instantaneos "Kodak" será mais convincente, mais detalhada, mais viva, mais pessoal e mais duradoira, que o mais eloquente discurso.

2

Fareis compartilhar do encanto das vossas férias.

Mostrando os vossos instantaneos, aos vossos parentes e amigos, fareis com que compartilhem as belas horas de alegria e as imprevistas scenas das vossas férias.

3

Reviveréis os belos momentos passados.

Ao descreverdes a vossa obra — não sem um legítimo orgulho — reviveréis com a mesma intensa alegria o encanto dos belos momentos das vossas férias.

4

A felicidade foge : restam as vossas fotografias.

Acabam depressa as férias ! Que vos resta desses instantes de verdadeira felicidade ? Nada ! A vossa memoria necessitará do auxilio das fotografias "Kodak".

5

O mais práctico dos aparelhos.

"Kodak" — o primeiro aparelho de peliculas — é elegante, simples, cómodo, robusto, o unico autográfico. Enfim, é um aparelho scientificamente estudado.

"Kodak"

Peça detalhes em qualquer boa casa de artigos fotograficos.

Kodak Limited, 33, Rua Garrett, Lisboa.

STUTZ

O CARRO QUE É QUASI TÃO BOM COMO O MELHOR AUTOMOVEL DO MUNDO

A. M. ALMEIDA L.^{DA}

39, RUA DA ESCOLA POLITECNICA, 39-A — LISBOA

Dôres do Estomago

alliviadas

com o

REGYL



**DIGESTÕES PENOSAS
GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS**

Um comprimido depois de cada refeição.

A' VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS PORTUGUEZAS E BRAZILEIRAS

Laboratórios MILET & GUILLAUMIN, 8, Rue Richer, PARIS

CE QUE FEMME VEUT
PERFUME DE
GELLE FRÈRES
PARIS

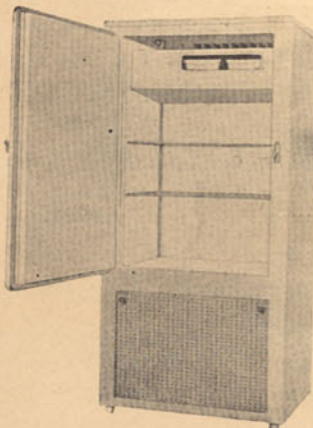


essencia
pó de arroz
loção
sabonete

CE Parfums des Femmes des Frères GELLE L.
Nº 110, Rue de Valenciennes 21E - LONDRA

LEIAM O MAGAZINE BERTRAND

GELEIRAS ELECTRICAS AUTOMATICAS KELVINATOR



Indispensaveis em Hotéis, Restaurantes, Cafés, Hospitais, Crèches e Casas particulares. Excelente para conservação de alimentos, etc.

FABRICAÇÃO DE GELO

Modelos especiais para cada casa

A geleira eléctrica automática KELVINATOR é de consumo insignificante. Trabalha para atingir a baixa temperatura dentro do móvel e automaticamente desliga a corrente logo que a atinge e só trabalha novamente se a temperatura aumenta dentro do móvel e apenas o tempo indispensável para recuperar a temperatura baixa própria à conservação dos alimentos, etc.

A geleira eléctrica automática KELVINATOR

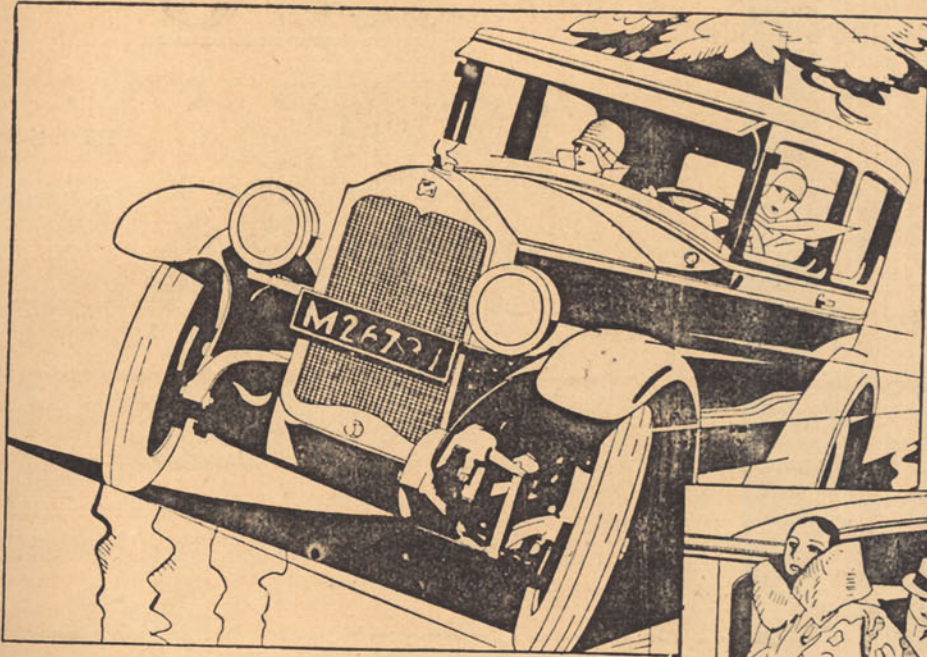
é a melhor do mundo. O seu isolamento é perfeito, a sua aparência é luxuosa, conserva-se irremediavelmente limpa sem trabalho, é um conforto moderno que dinheiro algum paga. Os seus preços concorrem com quaisquer outros modelos mesmo menos perfeitos.



Pedir todos os detalhes e preços a

ANTONIO BURGUETE, ENGENHEIRO — Rua dos Fanqueiros, 102 a 106 - LISBOA — Tel. Central 3238

O Buick é o carro predilecto das altas esferas sociais



Constitui um verdadeiro prazer realisar grandes viagens neste carro tão seguro e tão facil de conduzir

Por sua beleza de linhas, rapidez e segurança

DE há vinte e quatro anos para cá, nenhum carro tem sido tão favorecido pelo público como o Buick, e esse interesse tem ido sempre crescendo. Pouco a pouco este carro se foi introduzindo em todas as divisões das altas esferas sociais, até vir a ser o que é hoje — o mais popular e falado de todos os carros de luxo.

As figuras preeminentes da sociedade—qualquer que seja o tipo ou razão da sua preeminencia—incluem uma grande proporção de donos de Buicks. Há-os entre os aristocratas e as pessoas de distincção; há-os entre os membros das profissões liberais; há-os entre os banqueiros e os representantes do alto comercio. Há um banco em Lisboa cujos cinco directores são todos proprietarios de Buicks.

O Buick, além de poder desen-

volver uma velocidade de mais de 100 km. á hora, dá, ainda, a segurança de ter sempre essa reserva de força para quando seja preciso recorrer a ella. Todos os anos se aumentam e requintam os aperfeiçoamentos do Buick, mas o seu motor continúa sendo construido sobre os mesmos principios fundamentais que tanta fama tem dado a este carro.

O chassis, comprido e baixo de suspensão, faz com que as linhas do Buick assumam uma notavel distincção e elegancia. O luxo interior, e a comodidade insuperavel, que reforça e completa esse luxo, dão o relevo máximo ás características deste carro—aquellas características que lhe valem o ter adquirido há tanto tempo, e desde há tanto tempo conservar, a sua enorme popularidade.



Nas festas mundanas da capital, o Buick sobressai pela sua distincção

Visite já o concessionario mais próximo. Ele lhe tará de bom grado uma demonstração do que é o Buick, e lhe dará todas as explicações que se possam desejar con respecto a este grande carro.

BUICK

CONCESSIONARIOS

Diniz M. d'Almeida
Avenida da Liberdade, 214 a 218
LISBOA

Cunhas & Almeida, Ltda.
Avenida dos Aliados, 75
PORTO

AUTOMOVEIS



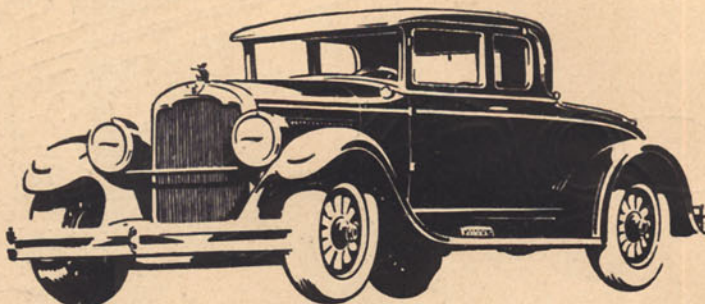
**O CARRO IDEAL POR EXCELENCIA
O MAIS DURADOURO DE TODOS
-- OS CARROS AMERICANOS --**

REO

ROBUSTO

VELOZ

SEGURO



ELEGANTE

CONFORTAVEL

MODERNO
EM TUDO

NADA IGUALA A SATISFAÇÃO DE GUIAR UM CARRO **REO**

6 Cilindros, Travões hidraulicos ás quatro rodas. Cambota com 7 pontos de apoio
Motor silencioso sem vibração e de grande elasticidade

AGENTES GERAIS: **A. CONTRERAS L.^{DA}** — 169, *AVENIDA DA LIBERDADE*, 171 — LISBOA

SUB-AGENTES NO PORTO: **EMPRESA INTERNACIONAL DE COMERCIO E INDUSTRIA L.^{DA}**

225 — RUA 31 DE JANEIRO — 229

CIMENTO ARMADO

POR **JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO**, Engenheiro, I. I. C. L.

2.^A EDIÇÃO

ÚNICO LIVRO PUBLICADO EM PORTUGUÊS SOBRE ESTE PROCESSO MODERNO DE CONSTRUÇÃO.

ASSUNTOS TRATADOS:

PROPRIEDADES GERAIS. MATERIAIS USADOS: O METAL, O BETOM. RESISTÊNCIA DOS MATERIAIS. CÁLCULOS DO CIMENTO ARMADO. PILARES, VIGAS E LAGES. APLICAÇÕES: ALICERCES, PILA-

RES, PAREDES E TABIQUES. MUROS DE SUPORTE. SOBRADOS, LAGES E VIGAS. COBERTURAS E TERRAÇOS. ESCADAS. ENCANAMENTOS. RESERVATÓRIOS E SILOS. CHAMINÉS. POSTES. ABÓBADAS E ARCOS. CASAS MOLDADAS. OUTRAS APLICAÇÕES. FÓRMAS E MOLDES. ASSENTAMENTO DAS ARMADURAS. EXECUÇÃO DO BETOM. BETONEIRAS E OUTRAS MÁQUINAS. ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHOS DE BETOM ARMADO. REGULAMENTOS, ETC.

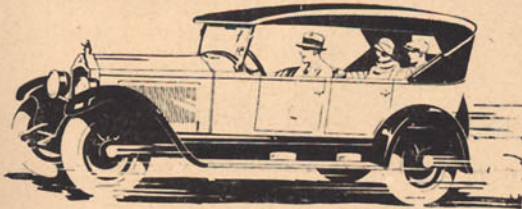
1 volume de cerca de 700 paginas, encadernado em percalina

20\$00

Pedidos ás **LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND**

Rua Garrett, 73 — LISBOA

UM REPTO...



**DESAFIAMOS O
MUNDO A QUE
PRODUZA UM AU-
TOMOVEL COMO**

O

WILLYS-KNIGHT

DISTRIBUIDORES GERAES:

H. QUEIROZ, L.^{DA}—Engenheiros

62, R. Braamcamp, 70 — LISBOA — Telefone Norte 3655

LUZ E ARRANQUE
BOSCH



Os elementos que constituem o Equipamento da Luz são construídos com rigorosos cuidados, garantindo um funcionamento isento de cuidados.

REPRESENTANTE:
Escritório Técnico Roberto Cudell
PORTO—Passos Manoel, 41

depois da festa...

AT. CARLU *criofarmácia*

"SAL de FRUCTA"
ENO

"FRUIT SALT"

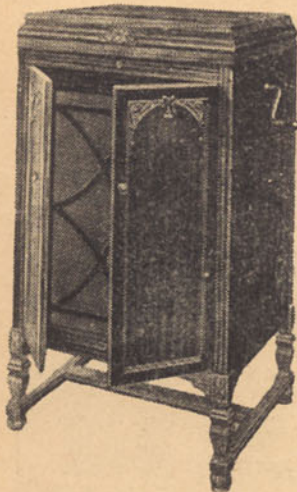
Teve um lauto jantar? Regressou tarde a casa para se deitar, com o estomago e cabeça pesados? Antes de ir para a cama tome uma colher das de café de Eno's "Fruit Salt" num copo de agua. A frescura da sua efervescencia matar-lhe-ha a sede. E, sobretudo, o Eno ajudará e facilitará a digestão, evitando os bocejos e dôres de estomago, e assim conseguireis dormir dum somno absolutamente tranquillo.

Exigi sempre a marca
ENO'S "FRUIT SALT"

As palavras "Fruit Salt", "Sal de Fructa" e "Eno" são marcas da fabrica registada.

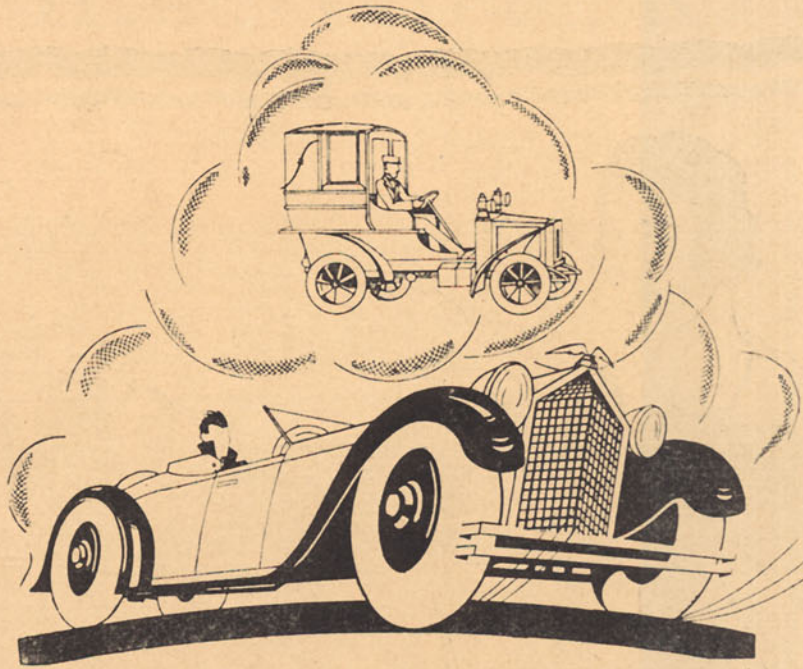
Depositaris em Portugal:
ROBINSON, BARDSLEY, & C. LTD. 8, Caes do Sodré, LISBOA

"His Master's Voice"



O GRAMOFONE
DOS CONHECEDORES
EM PORTUGAL E EM TODO
O MUNDO

AGENTES GERAIS: GRANDE BAZAR DO PORTO, L.^{DA}
LISBOA PORTO
150, Rua Augusta, 152 — 192, Rua de St.^a Catarina, 198



**A EPOCA ACTUAL
EXIGE PROGRESSO**

**OS MOTORES MODERNOS NECESSI-
TAM DE COMBUSTIVEIS PERFEITOS E
UMA LUBRIFICAÇÃO IMPECÁVEL.**

**A GAZOLINA SHELL
E OS OLEOS SHELL**

**SATISFAZEM INTEIRAMENTE ÀS EXI-
GENCIAS DA MECANICA MODERNA
EM CONSTANTE APERFEIÇOAMENTO.**

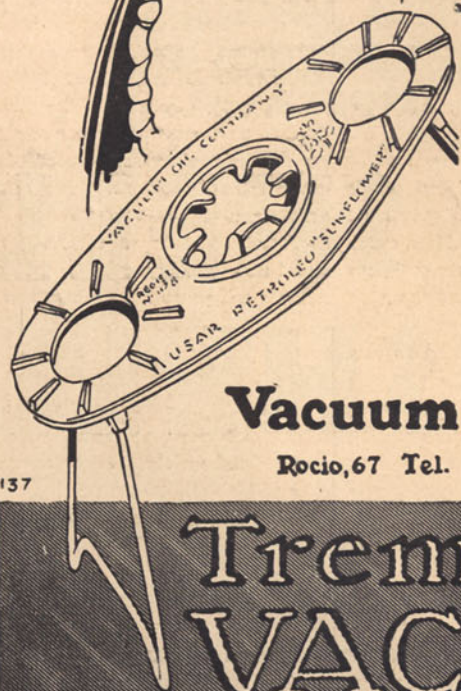
**THE LISBON COAL & OIL FUEL C.^o L.^{TD}
RUA DO CRUCIFIXO, 49 - LISBOA**



O seu Fogão de Pressão fará o serviço de 3 fogões—sem que por isso gaste mais petróleo—desde que lhe adapte uma TREMPER VACUUM que sómente custa

24 ESCUDOS

Peça hoje mesmo o nosso impresso ilustrado que lhe será enviado na volta do correio.



Vacuum Oil Company

Rocio, 67 Tel. 3075 e nas suas Agencias

Trempe
VACUUM



COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»
R. d'Alegria, 30—Lisboa
REDACÇÃO
R. Cecílio de Sousa, 77 1.º
(Ant. R. da Procissão)
Telef. N. 873

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO : JOAO DA CUNHA DE EÇA
DIRECTOR : JOAO DE SOUSA FONSECA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO :

AILLAUD, L.^{DA}

R. Garrett, 73, 75—Lisboa

ADMINISTRAÇÃO

Rua Anchieta, 25

Telef. C. 1084

ANO 3.º — NÚMERO 61

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

1 DE JULHO DE 1928



O triunfo dos cavaleiros portugueses, no Concurso Hípico de Madrid, foi mais uma ocasião, grata a todos os patriotas, de ver, erguido bem alto, o nome glorioso de Portugal. Tal com os futebolers em Amesterdão, os officiaes da nossa garbosa cavalaria que disputaram os prémios de Madrid têm crédito nos nossos aplausos. Arquivamos nas nossas páginas quatro instantaneos soberbos, exclusivos e inéditos, dos nossos representantes hípicos e as fotos, também inéditas, dos prémios ganhos pelos nossos compatriotas, sobresaindo entre todos, ao meio da página, a preciosa «Copa de Ouro», o troféu máximo, que também veio para Portugal.

«Ilustração,, é a mais bela revista da língua portuguesa; o seu esforço o merece, as suas páginas o provam

CRÓNICA DA QUINZENA

Uma das taras, que poderíamos chamar assinaladas, da política portuguesa, é a ignorância que sempre revelou do pequeno meio rural, particularmente da aldeia.

Ora eu estou convencido que as nossas cidades apresentam um estado lastimável, no que toca a higiene, conforto, sem falar em esplendores, comparadas com as cidades estrangeiras. Mas do que estou certo é que a aldeia portuguesa conserva o facies e modo de ser bárbaro, próprio dos primeiros conglomerados humanos. Terá evoluído sob o ponto de vista dos princípios gerais que regem as sociedades modernas. Mas a sua mentalidade, aquela que poderíamos chamar local e utilitária, e se resume em o homem tirar o melhor partido possível do seu esforço e do meio em que lida, essa conserva-a estagnada, como é de crer que fôsse não há dezenas mas centenas de anos. Assim, os processos agrícolas sendo do tempo do rei Vamba, o aldeão é um pobre e triste escravo da terra, que o alimenta com usura e aspereza. As suas habitações são miseráveis espeluncas, sem ar, sem luz, sem outro trasteio além das enxergas e das arcas para o cereal—verdadeiras cavernas plantadas ao rés do solo. Essas casinhas de beirados vermelhos, povoados de ninhos, com roseiras de trepar pelas paredes, um balcão a receber o incenso da serra, são puros artefícios de endinheirados. O comum, o corrente nas províncias do Norte é o cubo de alvenaria, alterado em suas linhas brutas pela entrada lóbrega da porta. Numa palavra, são construções herdeiras imediatas do dolmen, em cujo espaço estreito e miasmático se encanstra uma família numerosa. Isto sucede em metade de Portugal, pelo menos, nessa metade onde o solo é pobre ou safaro e rotineiro o entendimento dos homens.

Mas não obstante esta vida em tudo primitiva, não obstante o trabalho improbo do camponês e a sua decantada frugalidade, a mísera colmeia pouco mais fabrica que favos para o fisco. A tributação não arranca ao aldeão o que poderia esbanjar do seu orçamento; não lhe pede um *superavit*; exaure-lhe uma boa parte do essencial, do que

seria indispensável ao seu amanhã e passado. Que mais ninguém se lembre da aldeia, o fisco é que a não esquece. Não tem caminhos, não tem estradas, não tem pontes, não tem chafarizes, as epidemias grassam dentro de muros de forma endêmica, mas pagará além da décima anual, mil impostos camarários ou gerais, taxa de turismo, licença para passar com a água de rega por uma ruela, licença para vender duas cebolas na feira, licença para ter cabra, licença para ter cão e licença para o não ter. A par disto, a justiça é para a aldeia a mais voraz das sanguessugas. Concebida para proteger o orfão, deixa o orfão sem coiro e o viuvo sem camisa. Destinada a atulhar sizanias e desatinos e a ser um elemento de ordenação e repressão no corpo social, além de que é uma serventúria venal de ricos e poderosos, lança na desgraça os pobres demandistas. Em suma, para o município ou para a comarca, a aldeia é uma ovelha de tosquia, mais nada.

Em troca deste sacrifício exsudante e contínuo que lhe dá, que lhe deu o Estado? Num propósito muito louvável, a República dotou a aldeia com a escola primária. Mas, em pleno sertão, a escola é como um civilizado, que tenha bem embora muitas prendas, em país de cafres. De que vale saber ler, escrever e contar se não há necessidade de tal? Que vale o órgão sem a função? O professor primário, quando conscienciosamente procura ganhar o dinheiro do Estado, acha-se votado ao trabalho das Danaides. O fenómeno de regressão, próprio do meio, aniquila-lhe dentro de pouco todo ou quasi todo o resultado obtido. A escola é um elemento primacial do progresso, sem dúvida. Mas o progresso não se determina a «um de fundo», mas *d'emblée*, em frente cerrada. O professor só será verdadeiramente aproveitável, de braço dado com o engenheiro, o agrônomo, o veterinário,

o médico, o mestre-artífice, procedendo a um tempo à obra de sapa nos costumes e nas coisas. De outro modo, é tempo perdido e dinheiro lançado à voragem.

A crise portuguesa reveste múltiplos aspectos e deve ter variadas raízes no humus e consciência nacional. A semi-barbarie da aldeia, a sua miséria, deve ser uma das capitais. E aqui tem seus fundamentos, não obstante, a nação. Portugal foi sempre um país de carácter acentuadamente rústico, ainda mesmo quando possuía naus e galeões seus, **construídos em estaleiros seus**; ara explorar os mares. Terra de lavradores, jornaleiros e zagais; o resto não passa de acidente.

Sendo a aldeia a célula, como poderá o organismo ter boa conformação, um funcionamento saudável, mostrar a vitalidade requerida, se aquela está anemizada, combatida, anquilosada? O exodo atarrador para as cidades, a corrente cada vez mais caudalosa da emigração são índices certos desta enfermidade celular. A meu ver, a cura de Portugal deve encetar-se pelo princípio, e o princípio, o fundo do problema, é este.

As recentes medidas financeiras veem agravar a crise secular de servidão e estagnamento que assoberba a aldeia. Exausta, impõem-lhe mais uma sangria em nome do interesse nacional, como se alguma vez estivesse integrada na nação, que não fôsse para pagar o tributo de sangue e tributos fiscais de vária ordem. Onde o camponês irá buscar o duplo ou o terço do montante em que andava colectado, sei-o eu. Roubando-o à bôca, alienando a courela, recorrendo ao prestamista que é o flagelo rural. A vida das raças conta-se por séculos e ninguém as vê expirar. A história verifica o facto sem testemunhas oculares. Mas para uma raça depauperada como a nossa e proveniente este depauperamento—diga-se o que se disser—da insuficiente alimentação, pedir à aldeia mais uma moega além daquelas que dócil e resignadamente levava ao seu senhor feudal, o Estado, parece-me desacerto.

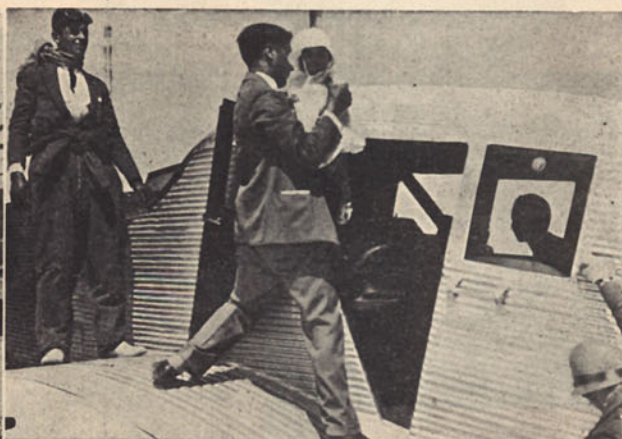
ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

AQUILINO RIBEIRO.

ACTUALIDADES



A Madrid, a convite do Patronato das Bibliotecas Hispano Americanas, foram realizar conferências literárias os escritores senhora D. Emilia de Sousa Costa e senhor dr. Sousa Costa. Toda a imprensa da capital espanhola salientou o significado intelectual dessas conferências nos termos mais entusiásticos. E, ainda ultimamente, no seu número de 15 de Junho, a magnífica revista madrileña *Nuevo Mundo* se lhes refere elogiosamente e além do retrato de Sousa Costa, publica o grupo fotográfico que acompanha esta notícia, de que tirou um duplicado propositadamente e espontaneamente destinado à *Ilustração* — gentileza que muito e muito lhe agradecemos. Este grupo, feito antes da conferência da Senhora D. Emilia de Sousa Costa, representa o escol de amigos e admiradores que mais de perto acompanharam os lútosos conferencistas. N'ele figuram os senhores embaixadores de Portugal e ministros do Brasil em Madrid, os senhores conselheiro e adidos da nossa embaixada, consul de Portugal, presidente e secretário geral do Patronato das Bibliotecas Hispano Americanas, escritoras e escritores espanhóis e portugueses.

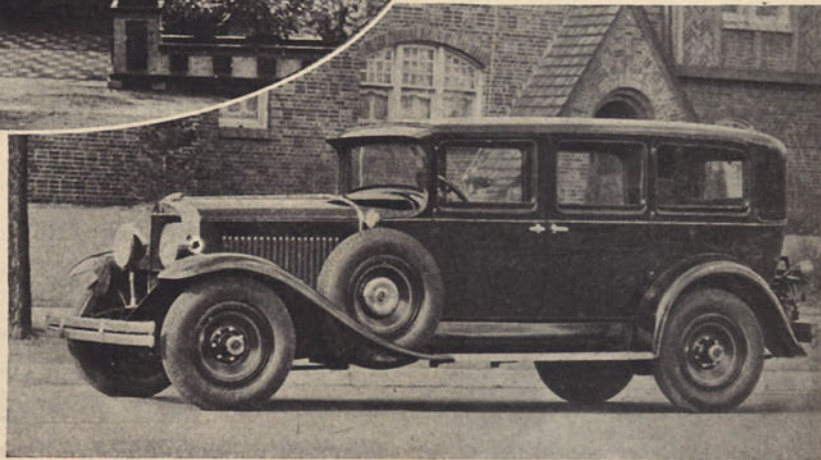


Nos soberbos «Junkers» da carreira aérea Lisboa-Madrid voou há dias o mais pequeno aeronauta do mundo. Trata-se do filho do nosso querido camarada, o ilustre pintor Eduardo Malta que, com sua mãe, a ex.ª esposa daquele nosso amigo, foi refugiar-se no pal na cidade de Madrid. As nossas fotos mostram o arrojado viajante de 9 meses antes de entrar no aparelho e na ocasião de ser metido na cabine, operação que encartou com coragem inaudita na presença do heróico aviador, piloto do «Junkers», que se vê à esquerda da foto

(Fotos Mário de Novais).



NO OVAL, à esquerda:—Um aspecto do lindo estande «Rolls-Royce», na Exposição do Palácio de Cristal do Porto. Provado como está que é o *Rolls-Royce* o melhor carro do mundo, não é de extranhar o formidável sucesso desta exposição magnífica que foi admiradíssima por milhares de visitantes. Na curiosa «etalage» via-se também um dos lindos «Triângulos Vacuum», originalíssima publicidade da afamada marca de gasolina, petróleo e óleo. O estande *Rolls-Royce*, foi o grande êxito do Salão do Automóvel do Porto



A DIREITA:—Uma maravilha do automobilismo executada nas fábricas Graham-Paige cuja produção em Março d'êste ano atingiu o total de 7.516 automóveis. Apesar de só terem decorrido três meses após o aparecimento do Graham-Paige, o primeiro automóvel ostentando o nome dos três irmãos Graham, a procura indica o entusiástico acolhimento do publico. As encomendas recebidas na fábrica excedem em muito a actual média de produção. Todos os «records» anteriores relativos ao pessoal da Companhia Paige, registados pelos irmãos Graham em Junho do ano passado, foram ultrapassados. O pessoal da fábrica principal em Detroit atinge agora o número de 3.030. Há ainda mais 1.086 pessoas empregadas na fábrica de «carrosseries» em Wayne, Indiana, perfazendo o total de 4.116 operários nas duas fábricas. Com o acrescentamento do novo modelo de oito cilindros, de 3,43 metros de distância entre os eixos, muito maior será o aumento do número de automóveis fabricados



Chegada à estação do Rossio dos cavaleiros portugueses que triunfaram em Madrid, no Concurso Hípico



Aspecto da deslumbrante exposição de trabalhos dos alunos do Colégio da Bafureira, no Casino do Monte Estoril

NO OVAL, à direita: Sócios do Club Naval e seus convidados por ocasião do seu passeio anual à Azambuja



Aspecto da formosa audição, última desta época, no Conservatório, em que se apresentaram as discipulas do ilustre professor Costa Reis

EM BAIXO: — O novo réclame luminoso da «Ilustração» é um dos mais belos de Lisboa e tem causado grande sensação



NO OVAL: — O novo réclame luminoso da «Ilustração», durante a noite, atraindo a curiosidade dos passeantes do Chiado

(Fotos Mário Novais).



Os autores dramáticos, numa justa homenagem ao dr. Feliciano Santos, ilustre colega, representaram, nos papéis masculinos, a revista «Rosas de Portugal»



O recital de canto de Hortense Fontana efectuado na Liga Naval, constituiu um belo êxito

FESTAS DE JUNHO



NO MEDALHÃO DA ESQUERDA: — O brilhante concerto do Curso de Estudos Musicais, no salão do Conservatório, testemunho da alta competência e critério artístico dos seus directores, professores D. Lucila Moreira e Eduardo Libório

NO MEDALHÃO DA DIREITA: — Um aspecto da festa de confraternização das crianças de Lisboa na Escola Agrícola de Paial, durante as belas festas da Semana da Criança que se realizaram em Lisboa

AO CENTRO: — Os educandos da Escola Agrícola de Paial, com o seu pitoresco traje tpo português



Aspecto da assistência à inauguração das festas de arte em honra do grande pintor José Malhó, glorificação do enorme esforço do mais português dos pintores de Portugal, inauguração que se fez com uma conferência brilhante do dr. Manuel de Sousa Pinto. As festas em honra do pintor ilustre foram na verdade significativas

Aspecto do almoço de homenagem a José Malhó, o genial artista português, realizado no velho «Lago de Ouro», de cujo grupo de artistas frequentadores o pintor ilustre fazia parte, banquete em que tribu-taram homenagem ao Mestre os melhores valores da arte, da crítica e da literatura portuguesa

Grupo obtido no palácio da ilustre Sociedade Nacional de Belas Artes, por ocasião da homenagem a Malhó, que se vê rodeado pela comissão promotora do justo preito de admiração, directores da S. N. B. A., artistas, escritores, etc.

PRIMEIRA EXPOSIÇÃO DE RÁDIO-TELEFONIA



O stand da casa Armando Casquilho & C., que o amador de T. S. F. sempre prefere porque para ele, especialmente, trabalha esta firma



O stand da casa «Rádio-Vitória» chamava a atenção pela soberba coleção de aparelhos receptores expostos, todos eles feitos nas suas oficinas e lindamente apresentados

REALIZOU-SE, NO SALÃO NOBRE DO THEATRO NACIONAL, A 1.ª EXPOSIÇÃO DE MATERIAL PARA RÁDIO TELEFONIA, A QUE CONCORRERAM AS PRINCIPAIS CASAS DA ESPECIALIDADE. SUA EX.ª O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA DIGNOU-SE FAZER-SE REPRESENTAR NO ACTO DA INAUGURAÇÃO. NOS VÁRIOS «STANDS», ORNAMENTADOS COM GÓSTO, O PÚBLICO TEVE OCASIÃO DE APRECIAR OS MAIS RECENTES APERFEIÇOAMENTOS INTRODUZIDOS NA VULGARI-



Das melhores pilhas do mundo para T. S. F., as pilhas da marca «Hellekens», é agente em Portugal a afamada casa «Elétrigia, Ld.ª», na rua de Santa Justa

ZAÇÃO DESSE NOVÓ RAMO DE CIÊNCIA, CUJOS ENTUSIASTAS, ENTRE NÓS, SÃO, DIA A DIA, MAIS NUMEROSOS. PODE CLASSIFICAR-SE COMO UM GRANDE E INCONTESTAVEL ÊXITO ESTA GRANDE EXPOSIÇÃO, TESTEMUNHO DO ESFÓRÇO PORFIADO DAS MELHORES CASAS DO GÊNERO. «ILUSTRAÇÃO» ARQUIVA ÊSTES ASPECTOS DA EXPOSIÇÃO COMO UM DOCUMENTO PRECIOSO DA ACTIVIDADE COMMERCIAL DAS CASAS QUE AQUI FIGURAM.



A Agência Técnica Comercial, apresentava os afamados aparelhos Marconi e Amplion, que não receiam confrontos



Os artigos da «Phillips Rádio», pela sua excelente qualidade, são preferidos por todos os bons amadores que accorrem a admirar o belo stand daquela casa

FESTAS E CONGRESSO MINHOTO EM BRAGA



A esquerda:— O chefe do Estado presenciando as festas. *No medalhão:—* Sua Excelência, o General Carmona visitando a Exposição regional com o dramaturgo Francisco Lige e o pintor Brandão de Carvalho. *No oval à direita:—* Os jornalistas que assistiram ao congresso com o sr. secretário geral (ao centro) que lhes ofereceu um almoço. *Do centro:—* Um aspecto da chegada do sr. Presidente da República. *A esquerda:—* Inauguração do Congresso. O senhor Governador Civil discursando. *No oval ao alto, à direita:—* O cortejo que acompanhou o sr. Presidente da República, entrando na cidade. *Em baixo, no oval da esquerda:—* O típico «Carro dos pastores» das festas Joaninas. *No oval do meio, em baixo:—* O sr. Presidente da República discursando na Câmara Municipal. *Em baixo, à direita:—* A originalíssima «Dança do Rei David» nas festas joaninas, costume típico secular em Braga.

(Exclusivos
da Ilustração)

(Fotos
Alvaro
Martins)

NO PORTO



(Fotos Alvaro Martins)

1—O ilustre atirador da Golegã, dr. Eustáquio Garcia, vencedor do torneio de Tiro aos Pombos. 2—A mesa do júri, no Tiro aos Pombos. 3—Missa campal por ocasião do 2.º aniversário dos Bombeiros Voluntários de Remezinde. Foi celebrante o reverendo cônego mgr. António Joaquim Pereira. 4—Senhoras da sociedade elegante entrando no recinto da Ginkana Automobilista do Palácio de Cristal. 5—Padrinhos do «pronto-socorro» dos Voluntários de Remezinde. Da esquerda para a direita: sr. Manuel M. de Matos, D. Lídia de Matos, D. Isabel Pereira de Matos e sr. Fernando Alvaro de Matos. 6—Festa Infantil na Escola anexa à Normal Primária do Porto. Crianças representando as estações do ano. 7—A homenagem ao sr. governador civil tenente coronel Nunes da Ponte no 2.º aniversário de exercício do seu espinhoso cargo. O sr. Antunes Guimarães discursando. 8—Um número da Ginkana Automobilista organizada no Palácio de Cristal pelo «Sport Club do Porto». Tomando chá... em prise directa. 9—Na Ginkana—Dois lambareiros apressados.

10—A deliciosa festa infantil no imponente salão do «Primeiro de Janeiro». O quadro «Arcos floridos».

REPORTAGENS OLÍMPICAS

AS JORNADAS DE AMSTERDÃO
E A EQUIPE OLÍMPICA PORTUGUESA DE "FOOT-BALL,"

(Especial e exclusivo para ILUSTRAÇÃO)

BABEL.

A XVII reunião do Congresso da Federação Internacional de Foot-ball realizada em Amsterdão nos passados dias 25 e 26 revestiu uma especial importância, já pelos assuntos nela a debater, já pelo número de países que a ela concorreram.

Setenta e seis foram os congressistas, representando trinta nações: Alemanha, Argentina, Austria, Bélgica, Brasil, Chili, Checo-Eslovaquia, Dinamarca, Egito, Espanha, Estados Unidos, Estónia, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hungria, Itália, Irlanda, Jugoslavia, Luxemburgo, México, Noruega, Polónia, Portugal, Romania, Suécia, Suíça, Uruguai. Era a nova edição da Torre de Babel.

Os trabalhos realizaram-se na sala das sessões da municipalidade de Amsterdão, num dos mais velhos edificios da cidade, construído em 1606 e que conserva ainda a fachada da época. Aos congressistas foram dispensadas as maiores atenções e a Federação Holandesa caprichou em requintes de hospitalidade.

Para que Babel conseguisse entender-se, os idiomas eram três: inglês, francês e alemão. Os oradores usavam, nas suas considerações, um destes idiomas e as suas palavras eram de seguida reproduzidas nas outras duas línguas pelos vice-presidentes da mesa.

Mas Babel não se sentiu satisfeita com o escasso poliglottismo que lhe era permitido e pretendia alargar as suas prerogativas. Em nome das Federações Sul-Americanas de língua espanhola, o delegado uruguaio Buero, ministro do seu país na Bélgica, defendeu a pretensão que o espanhol fosse igualmente considerado idioma oficial. Argumentou fracamente, com infelicidade; lembrou que das nações filiadas na F. I. F. A., nove usavam aquele idioma e que, com o enorme desenvolvimento popular do foot-ball, era improvável que os dirigentes conhecessem qualquer das línguas oficiais e assim, vedado o emprego do espanhol, se veriam nos futuros Congressos forçados a um silêncio prejudicial. Disse, no decurso da sua oração: «o espanhol é o único idioma falado na América do Sul.»

Os portugueses e o delegado brasileiro até sentiram calafrios; pedi á falavra.

Antes de mim ainda o italiano Mauro lembrou que no congresso de Roma pedira para a sua língua igual direito; visto que os sul-americanos trazem à discussão assunto semelhante, renova a proposta de há dois anos e requer que sejam idiomas oficiais: o inglês, o francês, o alemão, o espanhol e o italiano.

Chegada a minha vez extranhei que o delegado uruguaio tivesse, nas suas considerações, esquecido um pequeno país de 42 milhões de habitantes, seu vizinho, e onde

se fala português: o Brasil. Argumentação igual à dos anteriores proponentes poderia apresentar por conta própria e, frizando o ridículo a que nos levaria esta ordem de idéas, terminei afirmando que, por direitos iguais e seguindo a teoria dos predecessores, propunha linguagens oficiais: o inglês, o francês, o alemão, o espanhol, o italiano... e o português!

Babel compreendeu e riu.

A voz do bom senso falou pela boca do presidente da Federação holandesa, Kips: igual pedido teria ele desejo de fazer, mas reconhecia-lhe a inviabilidade; que sucederia de futuro se as palavras de cada orador houvessem que ser traduzidas em seis ou sete idiomas? O trabalho tornar-se-lia impossível. Todos os desejos eram licitos, mas inviáveis; propunha a manutenção do status quo, ou um arranjo que não trouxesse prejuizo ao rápido seguimento dos trabalhos.

Babel concordou, reflectiu, e aprovou por fim que seria permitido o uso de qualquer idioma desde que a delegação que o usasse pudesse garantir a sua tradução num dos três idiomas oficiais.

Babel babelizou-se um pouco mais...

Houve, no decurso dos trabalhos, afirmações interessantes; a luta entre os países que reconheceram o profissionalismo e aqueles que apenas possuem amadores, com a liberdade de indemnização de salários perdidos, patenteou-se sempre latente e é vulcão que refere em ameaça constante.

O austriaco Meisl, a figura máxima do foot-ball na Europa Central, lançou para quem quiz ouvir a frase seguinte: «50 % dos profissionais do meu país ganham com o foot-ball menos dinheiro do que 75 % dos amadores que veem ao torneio olímpico.»

Babel ouviu, e fez de conta que não tinha percebido.

Os delegados portugueses encontraram no Congresso o mais afável acolhimento; a camaradagem estabeleceram-se rápida e expon-taneamente, sendo sobretudo íntima a ligação de opiniões com o delegado brasileiro Nabuco de Abreu e o espanhol Olave.

Este último, figura considerada na FIFA e com alto prestígio, procurou sempre agir em comunidade de idéas connosco, aproximando-se sempre que possível de nós e tornando-se crêdor da simpatia portuguesa.

A amizade espanhola tem-nos acompanhada sempre nesta jornada de Amsterdão, patenteando-se sincera e expressiva, tal como só o podemos reconhecer em terras longe da pátria.

Dentro de Babel, uma Babel que, devemos reconhecê-lo, procurava um comum acôrdo através das dificuldades da sua própria confusão, portugueses e espanhols, povos de língua portuguesa e de língua espanhola, formaram um bloco único, fraternal, cujo poder se viu consagrado pelo triunfo da can-

didatura Buero à vice-presidência da FIFA, alcançado por 14 votos sobre 10 obtidos pelo tcheco Pelikan, que tinha consigo os centrais, os suíços, possivelmente os italianos e os egípcios.

Os escandinavos foram, neste Congresso, figuras apagadas e de intenções indecisas; o sueco Johansson, nosso conhecido em Lisboa, conservou sempre um silêncio esfíngico, e apenas o dinamarquês Oestrup, antipático e venenoso, manifestou por várias vezes opiniões sempre contrárias à opinião dos outros, sobretudo visando a presidência com a qual tem uma velha conta em liquidação.

Babel, de resto, ouviu-o quasi sempre com profunda indiferença.

Babel queria apenas despachar o serviço no sabado de manhã, para poder ir à tarde passear a Volendam...

OS NOSSOS JOGOS

PORTUGAL-CHILI, 4-2.

27 de Maio.—Desperta-me pela manhã uma voz que no quarto visinho canta um fado melancólico ao som plangente da guitarra; é o Figueiredo que procura distrair o espírito e adormece na toada saudosa, evocativa da pátria longínqua, a excitação nervosa que o domina.

Conversa-se de quarto para quarto, fala-se muito, há excessiva exuberância, traduzindo à evidência o natural enervamento desta *veillé d'armes*, pela qual viemos de tão longe, carregados de tantas responsabilidades.

Evita-se falar de jôgo, porque nêle está imutavelmente fixado nosso pensamento.

Almoça-se mais cedo e, ainda durante a refeição, começam surgindo as primeiras unidades da *falange de apoio*: os setubalenses Teixeira e Luz, o Silveira e o Artur Aires, o capitão Sousa Martinho, o dr. Madeira, o Caleyá Ribeiro, o Leiria Pinto, o Gonçalves.

Logo às primeiras horas se mandára içar no mastro do Hotel uma grande bandeira portuguesa em substituição da anódina e enorme bandeira olímpica que ali figurava.

Os relógios são consultados de cinco em cinco minutos; mantém-se a agitação anormal, significativa. Mal um se senta, logo se levanta para se sentar mais além.

Numa das salas do Hotel volta a gemer a guitarra, em ais saudosos, ou em alegres carrilhonadas de som. Em volta dos jogadores cria-se um ambiente de carinho, procura-se dar-lhes uma atmosfera de ar pátrio, afastar-lhes do pensamento a preocupação da luta que se aproxima.

Numa sala ao lado, um desenhador alemão vai traçando um a um os perfis dos rapazes, enquanto um volta os outros comentam a semelhança do traço.

Aproxima-se a hora da partida; as cordas

Deslocando-se ao Brasil o "Sporting" reforçado com outros "azes" do futebol, enviamos ao país irmão um cronista técnico que relatará os desafios



Em Volendam, Ribeiro dos Reis com o barrete tradicional dos velhos pescadores

da guitarra vibram aos acordes altivos da Portuguesa e a *malta do shoot*, sentidamente, pensamento fixado na Pátria, canta num côro forte a marcha heróica, símbolo do seu lar, chamando a si a ideia do torrão natal, no momento de partir em conquista de louros que para Portugal serão.

Uma, duas, três vezes ecôam as estrofes, numa aragem de confiança e de ambição; brilham mais altivos os olhos dos nossos, que sentimos possuidores do melhor moral, seguros de si e conscientes da sua missão.

Dentro do auto-car, ao partir, ressoa ainda uma última vez o canto nacional, e é cantando que se percorre o largo caminho até ao Estádio.

Entra-se no vestiário e começa a tarefa gloriosa...

A equipe portuguesa, camisola rubra com o escudo nacional, calções azul ferrete, meias negras com canhão listrado de verde e branco, é a primeira a entrar, a primeira a pisar o Estádio Olímpico, iniciando o torneio de foot-ball. Forma a meio campo e saúde a tribuna de honra; Jorge Vieira solta um viva à Holanda, a que respondem os dez: Viva! viva! viváá! Meia volta e saudação igual é feita à tribuna de Marathona. Respondem-lhes fartos aplausos da assistência.

Entram depois os chilenos, de camisola azul, que saúdam dando, em corrida, a volta ao campo e soltando hurrahs periódicos; são pequenos mas atarracados, mais atletas do que os nossos.

Vai principiar o jôgo; nas tribunas, os raros corações portugueses batem mais apressados; dentro dêles continua o toque a rebate das nossas aspirações. São quinze horas justas, ou seja duas horas e quarenta minutos em Portugal.

Ao nosso capitão cabe escolher campo e assenta arraias contra o vento e contra o sol.

Agudo, autoritário, um pouco trilado, são o apito do árbitro Mohamed, que vai arbitrar.

Ao primeiro choque de um pé chileno a bola enceta sobre o tapete verde do campo a circumvolução inicial do torneio olímpico de foot-ball, em direcção às rédes portuguesas.

Fases indecisas; e aos três minutos e meio o mélio centro chileno recarga forte e inesperadamente, furando as rédes de Roquette. Surpresa dolorosa. A meu lado, na tribuna oficial, um delegado chileno exulta, grita, agita-se de pé num frenesi de entusiasmo, todo êle aberto num sorriso. Comparado ao

seu, deve ser muito incolor, muito insôso, o meu forçado sorriso de aparência.

Segue o jôgo; o ardor dos nossos não arrefeceu e, calmamente, continuam a sua tarefa avassaladora.

Mas... aos dezasseis minutos a direita chilena avança, centra alto e, antes que a bola toque o solo, de fora da área, o interior esquerdo remata e a bola, como uma bala, enfia-se outra vez nas rédes. Dois-zero em nosso desfavor.

O chileno meu vizinho embandeirou em arco, brada quanto pode, salta, transformou em riso aberto o sorriso largo de há pouco; olha para mim com ares superiores, superiormente compassivos.

A meu outro lado o Ribeiro e o coronel Latino, mudos, ensombrados, sofrem, como eu, o amargor prematuro de uma derrocada de ilusões. Portugal está em maus lençóis.

Um centro rasteiro de Waldemar que vai direito aos pés de Vítor Silva, traz-nos um fulgor de esperança, mas o remate fácil parte para fora.

Aos 33 minutos, a meio do campo, Armando Martins cai no solo, gritando e torcendo-se com dores; um chileno saltara-lhe a pés juntos sobre o joelho direito; o jôgo pára, os massagistas entram em campo e o avançado português é trazido em braços para fora do terreno. Ficamos a dez contra onze.

A sorte faz-nos negaças, esquiva-se com caprichos de mulher que se não deixa conquistar sem sacrifício. A insistência da adversidade parece, porém, ser para os nossos um incentivo e insistem com desespero na ambição de um goal.

O ataque força o andamento; a defesa, garante-lhe a eficácia pela segurança das suas intervenções. Roquete, numa estrada magistral, que levanta a assistência em aplausos frenéticos, salva uma situação difícil, que nos fez sentir um calafrio.

Entre palmas de saudação, Armando Martins volta ao campo. A equipe desce. Todo o público é por nós e nos apoia com seus clamores, quando atacamos.

Aos 42 minutos, Figueiredo colhe a bola e dribla dois adversários, rematando forte; um defesa chileno desvia com o pé a bola para a esquerda, José Manuel colhe-a, avança, chama a si o outro defesa, centra devagar sobre as balizas e Vítor Silva remata com proveito. O dois-zero transformou-se em dois-um.

É a nossa vez de exteriorizar o sorriso que meia-hora antes o chileno do lado usara como seu; todo o Estádio aplaude, e ressoam ainda os ecos das últimas saudações quando, aos 43 minutos, um minuto exacto após o primeiro, a linha portuguesa faz segundo ponto e consegue o empate que lhe abre o caminho do triunfo.

José Manuel foge pela esquerda, atalhando às balizas e, perto já, passa rasteiro ao centro, dando a Pepe um remate imparável.

Ao pé de mim o chileno parece mais moreno, mais impaciente, vincada na testa uma ringa de inquietação.

Desde êste momento não ficou dúvida, em espírito português, de que a vitória estava forçada e, mais cedo ou mais tarde, o marcador afirmaria a vantagem que nos andava alheia.

Dominamos, dominamos de princípio a fim, inutilizando tôdas as tentativas chilenas, destruindo-lhes a tática, forçando-os a

uma defesa desordenada, violenta, desesperada.

A meu lado está vago o lugar do supporter chileno.

Cada minuto que passa reflecte um novo perigo para as redes sul-americanas e, de entre tanta ocasião propícia apresentada, duas são materializadas por Pepe e Waldemar nos dois pontos que nos dão a vantagem final no score.

As raras avançadas chilenas são anuladas com perícia por Roquete ou pelos defesas; e sempre o nosso ataque insiste, vão ao assalto do alvo adversário, cria situações perigosas que resultam inúteis, mais devido a imprecisão nossa do que a poder anulador dos contrários.

Quando o árbitro apita o final do encontro havia no rectângulo verde uma única equipe, a portuguesa, crescendo sempre em entusiasmo ao par que a competidora se apaga como uma sombra de si própria.

O onze de Portugal fez uma excelente partida; afirmou-se, sobretudo, uma equipe de excelente moral, que a adversidade não conseguiu impedir de lutar com alma e com fervor. A superioridade técnica dos nossos foi nítida e sucessivos ataques construímos de uma maneira impecável.

O homem da tarde foi Figueiredo, que trabalhou extraordinariamente. Roquete conquistou o público pela segurança do seu jôgo e pela elegância do seu estilo.

O debut de Portugal no torneio olímpico foi para muitos uma revelação, para outros a confirmação de um juizo anterior.

PORTUGAL-JUGOSLAVIA, 2-1

29 de Maio — Após haver pisado em primeiro lugar o campo do novo Estádio, a equipe portuguesa foi igualmente o primeiro onze olímpico a entrar no Estádio antigo; num, como noutro caso, safu vitoriosa do terreno da luta.

Êste encontro com a Jugoslávia, que tivera o condão de atrair elevado número de pessoas, foi altamente emocionante e fez vibrar ao máximo os nervos do público subjogado pelos esforços desesperados dos contendores no intuito de desmanchar um empate que, minuto a minuto, se apresentava como fatal.

Raras vezes, em encontros dêste género, corações de portugueses foram sujeitos a tão rude prova.

Portugal entra com vento forte a favor e domina; uma, duas, três avançadas segui-



A multidão, ante as portas do Estádio, esperando a vez de comprar bilhete para o jogo Holanda-Uruguai

das, a última das quais parecia decisiva, não lora uma descaradíssima paragem com a mão, feita muito dentro da ária pelo defeza direito slavo.

O árbitro porém não vê, como não viu muitas outras faltas iguais, para ver apenas o mínimo encosto dos nossos, apitando-nos tudo o que era e o que não era, contri-

heróica da raça, aquela alma indomável que lançou os conquistadores do mundo em batalhas de um contra cem, sósinho enfrenta o adversário e lhe sustenta o embate. Augusto Silva vale só por si os onze jugoslavos.

Ao calor da sua actividade, ao reflexo do seu exemplo, os companheiros retomam

tenacidade como as qualidades que mais profundamente lhe tocam os sentidos.

Para bem compreender a lógica da situação com que rematarei esta crónica, torna-se necessário frizar bem o que representou para os portugueses a hora e meia de jôgo.

A forma indecisa como decorreu a luta, a aspreza do embate, a inquietação do resultado nulo, mantiveram os nervos dos portugueses em constante tortura, e não houve calma que resistisse à prova.

Recurso-me que nos momentos finais fugi para os vestiários, para não ver, arriscando de tempos a tempo um olhar curioso, e quando Augusto Silva confirmou o triunfo, pulci como uma criança; o Ribeiro corria ao longo das bancadas gritando indicações sobre o tempo restante e, como nós, todos desvairaram.

A excitação nervosa atingiu o máximo. Nestas condições, uma vez confirmada a nossa vitória, veio a natural quebra e os nervos hiperletrizados cederam. A emoção, a alegria excessiva e inesperada, deram largas à clássica sentimentalidade nacional, e chorrot-se.

Dentro do vestiário, abraçando-se e beijando-se, jogadores e acompanhantes, todos tinham os olhos rasos de água. Alguns, o Waldemar, o Carlos Alves, soluçavam, numa crise nervosa.

A nossa maior satisfação era o pensamento da alegria enorme que a notícia da vitória despertaria na pátria distante: as ambições tomavam novo alento e, cavalgando ilusões, previam-se já os maiores triunfos. A caravana portuguesa sintetisava bem naquele momento, com todas as suas qualidades e todos os seus defeitos, a gente lusitana.

Preparava-se a abalada; mas antes de partir, todos descobertos e de novo comovidos, ofertando a Portugal o sofrimento passado, colhendo da idéa da pátria novas energias para novos feitos, os trinta compatriotas presentes entoaram mais uma vez o canto nacional, e os écos da Portuguesa reboaram pe-



Um grupo de congressistas da F. I. F. A. de visita a Volendam. No último plano, à nossa direita, Salazar Carneira e Ribeiro dos Reis com os barretes tradicionais holandeses

buindo para um emervamento dos portugueses que sempre se accentuou, cercando-lhes os meios de acção.

Mas, pela teoria de que tanta vez vai a cantara à fonte..., aos 24 minutos, recebendo a bola de Augusto Silva, Pepe avança e desmarca Vitor Silva, dando-lhe a bola adiantada em condições de remate eficás. É o primeiro «goal» de Portugal.

A vantagem é porém de pouca dura, pois aos 38 minutos o avançado centro jugoslavo empata com um fortíssimo pontapé. Com o marcador a 1-1 termina o primeiro tempo.

A segunda parte do encontro foi de constante emoção; as situações de perigo sucediam-se de um e outro lado, inutilizadas pelas magníficas paradas de ambos os guarda-rêdes. Vejo ainda, gravada impericivelmente na memória, a estirada sobrehumana de Roquete para alcançar e afastar a sóco a bola apontada num pontapé livre do limite da ária. A todos se afigurára a situação sem remédio, e o esforço do porteiro português levantou o público numa exclamação unanime de entusiasmo, aplaudindo a jogada que se considera ainda como a maior defeza até hoje feita por um guarda-rêde no presente torneio olímpico.

Os clamores são constantes; qualquer dos adversários tem seu público partidário, mas a facção jugoslava impera.

Por nós espanhoes e italianos, sobretudo o grupo dos primeiros que se confundem nas aclamações com os próprios portugueses.

Minuto após minuto, o tempo vai-se sumindo e o resultado não varia. Os esforços dos nossos, espasmódicos e desordenados não encontram conclusão; a fadiga (dois jogos violentos em quarenta e oito horas) começa a agir. A equipe jugoslava, mais folgada, assenhorea-se da situação; sofrem confrangidas as almas lusitanas.

Com o perigo e a gravidade da situação uma figura há, grande desde o infício, que se avoluma e agiganta, enchendo por si só todo o campo de jôgo; um jogador português há que, sentindo dentro de si a alma

confiança e a equipe portuguesa cresce nos momentos finais, busca com afan decidir a situação antes do final do tempo, evitando a necessidade de recurso aos prolongamentos, que receia como um martirio fatal, exausta como está. O onze de Portugal já não joga pelos seus musculos, luta pelos seus nervos.

A dois minutos do fim, Augusto Silva, ainda ele, sempre ele, colhe a bola, «dribla», força o caminho, e remata a um canto a bola da vitória. A assistência delira. Os portugueses perderam a noção das coisas. Para nós aquele momento marca, como a apoteose do esforço admirável da equipe olímpica do foot-ball português.

Mal o árbitro apita o final, os rapazes por-



A sala do Congresso da F. I. F. A. e os congressistas; à direita, os delegados portugueses, e no primeiro plano alguns desportistas de Lisboa

tugueses saltam ao campo a abraçar os jogadores; com eles vão os espanhoes, enquanto os italianos dominam com seus brados o clamor unânime, sentido, compensador, dos milhares de presentes. Como sempre, pela própria lei da mais elementar psicologia humana, a massa popular curva-se ante o mais forte, admirando a força de alma e a

los corredores do Estádio levando nas suas azas a glória de Portugal.

PORTUGAL-EGIPTO, 1-2

4 de Junho. — Os portugueses são, quasi todos, pessoas de crente preságio. Quando nesta segunda-feira, de triste memória, en-

Deslocando-se ao Brasil o "Sporting" reforçado com outros "azes" do futbol, enviamos ao país irmão um cronista técnico que relatará os desafios



Vista dos dois Estádios de Amsterdão. No primeiro plano o Estádio Monumental, no segundo o velho Estádio, separados pela praça monumental que se vê cheia de gente e automóveis

trei no Estádio para presenciar o segundo embate Itália-Espanha, meus olhos se volveram, como sempre, para aquele mastro do topo norte onde flamejava habitualmente a bandeira verde-rubra do nosso Portugal. Pela vez primeira, sob os efeitos caprichosos da aragem que soprava forte, o estandarte torcera-se, enrolara-se à haste, sumira-se, panejando apenas uma ponta verde, num adeus aflitivo, como a mão de um afogado que sobrenada ainda em espasmódicas contrações de ânsia. No topo oposto a bandeira verde do Egípto desfraldava-se integralmente.

Não sei porquê, confrangeu-se-me o coração.

A meu lado, Ribeiro dos Reis e o Cândido auguravam também mal do desfecho; no quadro de afixações dos resultados lia-se o seguinte:

Espanha-Itália	1-7
Alemanha-Uruguai	1-4
Bélgica-Argentina	3-6
Portugal-Egípto	- -

As nações indicadas na coluna da esquerda haviam sido tôdas elas vencidas; e na base da coluna figurava Portugal.

Pareceu-nos a coincidência, uma fantasiosa indicação do destino.

Más horas vivemos antes do encontro, piores as vivemos depois.

As camisolas vermelhas dos portugueses justapondo-se às camisolas verdes dos egípcios, dão-nos, no campo, uma alegoria da pátria; dissociadas, as cores nacionais tornaram-se inimigas, chocam-se, perseguem-se, correm par a par para pronto se fugirem.

O vermelho, mais vivo, mais alegre, mais cantante na sinfonia verde do tapete relvado, domina. A glória de Portugal parece querer afirmar-se e pela terceira vez soltar o seu brado de ambição.

As ocasiões de remate oferecem-se-nos iminentes; Pepe, primeiro, Vítor Silva depois, falham probabilidades que eram quasi certas.

Os egípcios defendem-se com desespero, a

monte em frente das rédes, onde sete, oito manchas verdes se opõem ao esforço avassalador das cinco papoulas lusitanas. Os nossos médios avançam a apoiar o assalto dos dianteiros, e na área do goal africano o embate é desordenado pelo número, infructífero porque a sorte, feminina e caprichosa, amou com os portugueses que, à moda antiga, a pretendem violar pela força do seu entusiasmo.

A bola encontra sempre diante um corpo, uma perna, uma cabeça e retrocede perdida, num vai-vem enervante, que para nossos corações portugueses é uma tortura. Na tribuna, Portugal tem as boas graças da maioria; quasi todos desejam, por espírito de justiça ou por motivos de simpatia, a nossa vitória.

A meu lado, no grupo dos portugueses, o belga Christophe, árbitro do glorioso III

Portugal-Itália, e que nunca escondeu aqui a sua predilecção pela nossa gente, afirma que triunfaremos pela força da superioridade técnica, e que o nosso grupo vale três pontos mais que o egípcio.

Em sport, porém, a lógica é um absurdo e, dentro em pouco, a uma fugida da linha egípcia, Roquete mergulha com demodo, mas comete o erro de não encaixar a bola de baixo de si, prefere repeli-la a sôco com os dois punhos, lançando-a sem remédio ao pé de um adversário que, sem esforço, a enfia nas rédes abandonadas.

No marcador fatídico, a nação da esquerda acusa inferioridade, confirmando a indicação prévia do destino.

Sem desfalecer, a falange lusitana, atira-se sempre ao assalto, desloca pelas suas combinações, imprevisas mas precisas, o bloco dos africanos, progride terreno fora até às visinhanças da balisa ambicionada, mas não vai mais além. Inviolável, a réde egípcia, é para os nossos jogadores uma utopia sonhada, uma miragem que sempre lhes foge quando dela mais se aproximam.

Intervalo.

No meio do campo deserto, adormecido, uma bola esquecida parece simbolisar na sua inércia a inutilidade do esforço humano, a indiferença das coisas.

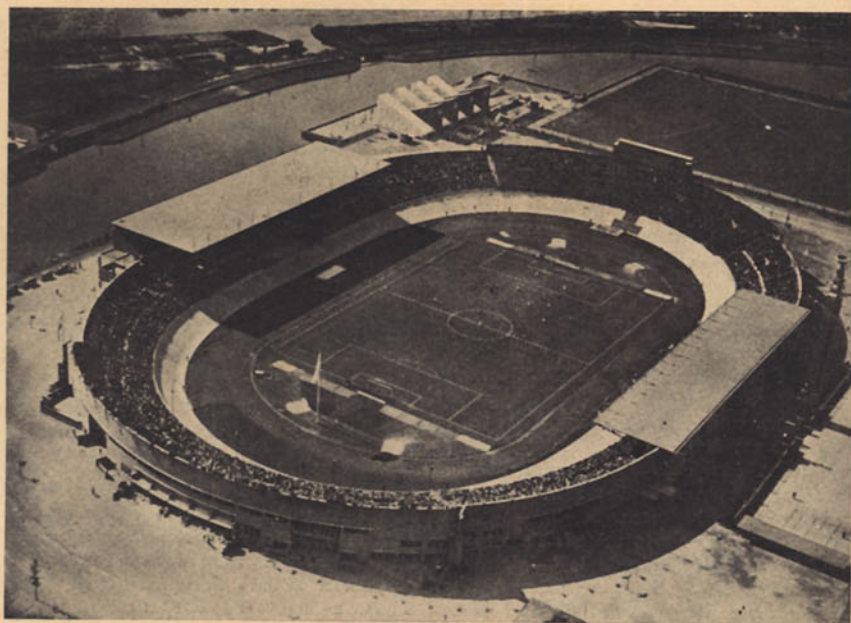
É um ponto final nas ambições portuguesas.

Recomeça o jogo.

Portugal tem agora o vento favorável; na opinião quasi unânime, vamos ganhar. A minha alma, porém, está já de luto.

Do médio centro egípcio parte um passe adiantado; o avançado colhe a bola entre os nossos dois defesas que o apertam e, impedido de agir livremente, afasta a bola, num longo pontapé em direcção às nossas rédes. Entre as duas camisolas rubras, a camisola verde procura alcançar primeiro a bola que, mais adiante, rola iróicamente, em sobressaltos de alegria.

Roquete, nas suas rédes, hesita, sai lentamente, decide-se tarde a ir à bola e segunda vez deixa que o adversário lha coloque nas rédes solitárias, indefesas, passando-lha num



O novo Estádio de Amsterdão cheio de gente no dia do Uruguai-Alemanha

“Ilustração” envia um redactor-técnico ao Brasil com os futebolistas portugueses que partem hoje, inserindo, portanto, crónicas exclusivas



MARIA ADELAIDE LIMA CRUZ - Rochedos...

pontapé fraco de trajectória alta, por sobre a cabeça.

Dois-zero... dois-zero... dois-zero.

Trotam-nos no pensamento os números fatídicos; é o fim do fim. Duvida-se, cai-nos o entusiasmo esmagado ao péso da fatalidade.

Mas a alma portuguesa tem recursos formidáveis; o desânimo não tem entrada em vontades portuguesas que lutam pela sua pátria. Mais do que nunca, o onze de Portugal, cresce e impõe-se.

Morrer, sim, mas devagar.

O Estádio vibra, enlevado, na beleza do nosso esforço. Por nós vibram todos os latinos presentes; há quem grite, já rouco, incitamentos sentidos. Batem os corações um apressado toque a rebate.

São vinte e duas as vontades que dentro do campo se esforçam por um resultado; alguns milhares delas, as que em torno tomam partido pela luta. E, no entanto, esse resultado vai ser feito, por uma outra vontade: o elemento decisivo do embate, vai ser o árbitro.

Mauro ditará o veredicto.

Há um remate de Portugal à rede, que o guarda-rede egípcio segura com dificuldade. Mas, mal apanhou a bola, caem-lhe em cima os avançados portugueses e, para afastar o perigo, lança-a fora de braçada, trazendo a mão atrás para criar balanço e enfiando, assim, a bola, dentro das próprias redes.

Os nossos reclamam; o juiz de linha holandês, colocado no enfiamento das balizas, assinala o goal agitando a bandeira. O árbitro, situado longe, a meio campo, decide em contrário, alegando posteriormente que vira perfeitamente (oh misteriosa visão!) que a bola não entrara lóda nas redes!

Cinco minutos depois, Vítor Silva, num esforço magnífico de penetração, fazia o segundo goal de Portugal.

Mas, pelo poder supremo de Mauro, a sorte estava traçada.

Portugal perdia por 2-1.

Deslizara-se em fumo o belo sonho olímpico da gente portuguesa.

Mauro não conseguiu, porém, anular a impressão de valor deixada pelos nossos jogadores, a técnica afirmada pelo grupo, a classe excepcional de alguns dos seus elementos.

Para as almas doloridas da caravana portuguesa de Amsterdão, as apreciações unânimes da imprensa, as palavras espontâneas e sinceras dos dirigentes estrangeiros presentes, foram o bálsamo que pouco a pouco cicatrizará a mágoa de uma eliminação injusta.

Na adversidade deste terceiro encontro sentimos, mais do que na auréola das duas vitórias anteriores, a atmosfera de simpatia que nos cercava e que deve perdurar por sobre todas as circunstâncias com a mais legítima glória da aventura olímpica de 1928.

NOTAS SOLTAS

A afluência para o jogo Holanda-Uruguai foi formidável. Outras pessoas quantas as que entraram, ficaram fóra do Estádio. Os bilhetes numerados estavam todos vendidos com muitos dias de antecedência.

A venda de bilhetes de geral começava no sábado pela manhã; quando na sexta-feira, às nove da noite, regressávamos do Estádio já a afluência de pessoas junto às



Em Volendam: Cipriano com três raparigas holandesas

bilheteiras era tal que dificilmente se passava pela rua. A «bicha» ocupava meia largura da via e estendia-se a todo o seu comprimento, tornejando na esquina para a rua seguinte. Mais de cinco mil pessoas passaram a noite ali para conservarem o seu direito de prioridade.

O espectáculo era curiosíssimo; cada um trazia seu assento, bancos, cadeiras, caixotes, seu abrigo e seu farnel.

Ninguém arredou pé; a multidão presente sempre mais unidades se juntavam e, no sábado às dez horas da manhã, por duas ruas estava vedado o trânsito e o gigantesco réptil humano, coleante estendia-se interminavelmente esperando pacientemente horas sem fim o direito de adquirir hora e meia de entusiasmo.

Jules Rimet, o presidente da F. I. F. A. tem sempre a «blague» fácil; no dia deste Holanda-Uruguai contava-me que a maioria dos componentes da banda que tocou durante os intervalos, não eram músicos, mas sim amadores persistentes que haviam adquirido a peso de ouro o direito de envolverem a farda e assistirem ao jogo para o qual não haviam logrado bilhete.

Finalmente dizia-se ainda que outros haviam atravessado a nado o canal, conquistando assim desportivamente o direito de presenciar a luta.

A equipe portuguesa foi a revelação dos jogos da Holanda e, após a sua vitória sobre o Chili (a tal equipe fraca e sem valor, que no torneio de consolação empatou com



Em Volendam: Salazar Carreira e Ribeiro dos Reis com crianças holandesas

a Holanda em jogo brilhantíssimo) convergiram sobre ela as atenções gerais. Chamar-lhe, e mais de uma vez, a melhor das equipes latinas.

Uns após outros, choveram sobre nós convites de deslocação; Paris quiz voltar a ver-nos. Hugo Meisl e Scheinhost transmitiram-nos os convites da Austria e da Tchecoslovaquia, incondicionais, com promessa de reciprocidade. A Bélgica, insistentemente a Alemanha, e por fim o próprio Egito pretenderam para si uma visita nossa.

A equipe lusitana foi requestada como uma mulher formosa.

Portugal marcou o seu lugar no foot-ball olímpico. E aos detractores, aos descrentes, aos que pretenderam insinuar e ocultamente esperavam o nosso fracasso como a satisfação de um ódiosinho pessoal pela plebéu *malta do shoot*, respondamos com o voto que em Julho e Agosto próximos as embaixadas do desporto português às outras modalidades olímpicas, levantem tão alto o nome da pátria como o ergueram os onze rapazes da camisola vermelha e do escudo das quinas.

Amsterdã é a cidade das bicicletas; pululam, multiplicam-se, dominam de longe todos os meios de transporte utilizados.

As mulheres são em quantidade; desde a rapariguita gentil que vem do armazem ou do colégio, à pacata burgueza bem nutrida que vai às compras, o filme que nos corre ante o olhar apresenta todas as cambiantes possíveis.

É rara a elegância, freqüente o ridículo, se ridículo se pode chamar aquilo que, sendo no meio facto correntio, choca as nossas maneiras de ver de estrangeiro com outros usos.

Que diria Lisboa se às cinco horas subisse a rua do Ouro, montada numa pesada bicicleta de guiador ao alto (como são todas as que vi na Holanda), um circunspecto cavaleiro de fraque e chapéu de éoco, as asas de grilo pendendo severamente de um e outro lado da roda trazeira? E no entanto, em Amsterdã, o caso apenas despertou o meu reparo irónico.

Quando a Alemanha jogou com o Uruguai, Amsterdã foi invadida por uma multidão de alemães vindos do seu país para encorajar a equipe germânica. Durante o dia, pelas ruas da cidade, viam-se apenas grupos de homens e mulheres ostentando todos bandeirinhas negras, amarelas e vermelhas da Imperial República.

A entrada dos jogadores alemães deu origem a um sonoro «Deutschland über alles» entoado a toda a voz e pontuado por três «Hoch!» que, pela certa, se ouviram na Alemanha.

Enquanto o resultado esteve indeciso a multidão alemã não cessou de gritar; as avançadas alemãs traduziam-se por um trovão de incitamentos, as jogadas favoráveis por um frenético agitar de bandeirinhas. Mas o Uruguai, resistindo à avalanche dos saxões, contrapondo à violência indiscutível dos saxões, a força sportiva da sua técnica, marcou um, marcou dois, marcou três pontos.

E o Estádio emudeceu, sumiram-se as bandeiras, não houve mais alemães nas tribunas, vencidos pelo valor do adversário, vencidos mais, talvez, ainda, pela lamentável demonstração de brutalidade anti-sportiva da equipe germânica.

SALAZAR CARREIRA.

Deslocando-se ao Brasil o "Sporting" reforçado com outros "azes" do futebol, enviamos ao país irmão um cronista técnico que relatará os desafios

FIGURAS DO

MOMENTO



MAURICE PALEOLOGUE

EMINENTE diplomata e estadista francês, antigo embaixador na Rússia, que acaba de ser eleito para a Academia Francesa.

(Foto H. Manuel).



CARLOS LEAL

POPULARÍSSIMO comediante e notável artista que foi homenageado, numa récita de gala no Politeama, por figuras representativas do comércio de Lisboa.

(Foto Brasil).



J. TEIXEIRA

FOTOGRAFO ilustre do Porto verdadeiro artista, que fez uma notabilíssima exposição, naquela cidade, de retratos de intelectuais e artistas do Norte.



DOCTOR CHUNDER BOSE

CÉLEBRE naturalista hindú que se tem notabilizado pelas suas experiências comprovativas da sensibilidade dos vegetais.



HOMEM CRISTO FILHO

NOTÁVEL combatente e panfletário conservador, jornalista e romancista apreciado nos meios intelectuais estrangeiros, figura de extranho irrequietismo mental que foi vítima dum terrível desastre de automovel em Itália.

(Desenho de Eduardo Malta).



ASSIS ESPERANÇA

MOÇO e brilhante romancista cuja última obra, «Ressurgir», acabada de aparecer em belíssima edição da Sociedade Contemporânea de Autores, está destinada a um grandioso successo pelo seu mérito literário e pela originalidade do extranho ténia.



CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

ILUSTRE professor que foi um dos mais lindos depuradores da lingua e sapiente filólogo, cujas memórias, sob o titulo «Os meus serões» acabam de aparecer com um formidável êxito que é homenagem justa à memória do falecido sábio.



MANUEL RIBEIRO

ILUSTRE romancista português cujo último livro «A batalha nas sombras» alcançou um formoso êxito levantando acéssas divergências na crítica.

(Retrato-caricatura de Corrêa Júnior, aluno do Curso de Desenho do «Magazine Bertrands».)

O "JOÃO FRANCO," EM MADRID

O QUE DIZEM À «ILUSTRAÇÃO» ALGUNS GRANDES ESPÍRITOS ESPANHÓIS



A chegada a Madrid do popular «camarero» que viajou no esplêndido «Junker»

Rogério Perez, o «castizo» Terrible Perez do *Diário de Lisboa*, teve a feliz ideia de ir a Madrid com o «João Franco» o célebre «João Franco» da Brasileira do Chiado, que toda Lisboa conhece, oferecer um chávena do nosso café à «tertulia» hispano-portuguesa de «La Granja del Henar».

Entre outros, assistiram os seguintes senhores: dr. Pio del Rio Horteiga, sábio historiador; Américo de Castro, notável filólogo e escritor; Fernandez Flores, Alberto Insúa, Hernandez Catá, José Maria Acosta, romancistas tão queridos por nós como se nossos fossem; o marquês de Figueras, da Academia Espanhola e tradicional amigo de Portugal; Luzorlaga, escritor e jornalista; Valentim de Pedro, Balseiro, Paulino Massip, José Diaz Fernandez, Lopez Rúbio, Gomez del Moral, Arrue, Desanglez, Gonzalez Ruano, Calvo, moços escritores e jornalistas; Sangroniz, da Union Ibero-Americana; Alvaro de las Casas, da Academia Galega; o caricaturista «Tono»; o escultor Juan Cristóbal, etc., etc. O elemento feminino estava representado pela célebre «Aurea», a criadora dos cantos plásticos, que brevemente visitará Portugal, e pela interessante recitadora Natividad Zaro. Dos portugueses, o nosso consul em Madrid dr. Felix de Carvalho, Almada, Ednardo Malta, Novais Teixeira, Guilherme Filipe e Cardoso Teixeira, secretário da Exposição do Livro Português em Madrid, que se encontrava acidentalmente naquela cidade.

O grande D. Ramon del Valle Inclan que não ponde assistir por motivo de doença mandou, em expressivas frases, a sua adesão no acto, acerca do qual dizem «os grandes»:

«A gentileza dos meus amigos portugueses, convidando-me a saborear em Madrid o excelente café da Brasileira do Chiado, de Lisboa, servido pelo próprio «João Franco», todo sorriso e afabilidade, deu-me uma magnífica oportunidade para aprofundar a amizade com litteratos e artistas portugueses e iniciar, novos e perduráveis afectos. Sempre considerarei obrigação de portugueses e espanhóis o conhecimento e estima mútua. Pela minha parte, não há de decorrer muito tempo sem que aprecie o encanto das cidades portuguesas e conheça os centros onde se lava e prospera o admirável prestígio científico de Portugal.

P. DEL RIO HORTEIGA.»

«Uma chávena de café português, uma sucursal da Brasileira do Chiado improvisada em «La Granja», de Madrid, mercê à generosidade de Rogério Perez... «João Franco», o popular criado lisboeta, o ditador que, sem dúvida, mais tem servido, deitou certamente na minha chávena uns pósinhos mágicos, porque a minha alma, pela via do paladar, pôs-se também a saborear amorosas recordações, leituras, amizades, paisagens, cadências e luzes do grande país que deu à minha vaidade de professor de melancolia a lição de me ensinar o angustioso e voluptuoso gosto da «saúde».

A. HERNANDEZ CATÁ.»



O «histórico» Café de honra na Granja del Henar

«Sempre os portugueses foram homens que, à falta de outros elementos, supriram as suas dificuldades com os grandes gestos. Em simples caravelas, cascas de nós à mercê das ondas, conseguiram descobrir o caminho das Índias. Agora, embarcaram o «João Franco» numa chávena de café, e não precisaram de nada mais para conquistar Madrid.

W. FERNANDEZ FLORES.»

«Aqui há meia dúzia de anos eslive em Portugal três meses, e desde então acalento o sonho de ir viver a Lisboa, essa cidade de maravilha, cuja excelente luminosidade e curiosa fisionomia me dá a Havana natal numa pontinha da Europa. Desnecessário será, pois, dizer o que para mim significou o «João Franco» da Brasileira a servir café luzitano na «Granja»... Todo um símbolo de cordialidade e de bom bósto a que nós, espanhóis e hispano-americanos, devemos corresponder.

ALBERTO INSÚA.»

«Apesar de ser delicioso o café da Brasileira, simpáticamente servido pelo «João Franco», que já conhecia de Lisboa, pouco ou nada é comparado com as recordações que essa noite tive dos meus felizes dias no maravilhoso Portugal, que me foi dado conhecer depois mal: «em espírito» pela sua galharda representação junto das nossas Artes e Letras, que é o único mundo diplomático que conheço e reconheço: Feliz de Carvalho, Novais Teixeira, Almada e Rogério Perez.

JUAN CRISTÓBAL.»

«Um acto de aproximação hispano-lusitana muito simpático e muito agradável. Café lisboeta servido pelo «João Franco», charutos havanos, engenho peninsular, cordialidade entre escritores irmãos, que mais se pode pedir numa reunião desta natureza?

JOSÉ MARIA DE ACOSTA.»

«Não basta que o ar reduza, quasi suprima, a distância entre Lisboa e Madrid, se o ar não nos trás e nos leva todos os dias nas suas asas emoção por emoção.

«De nada serve que possamos ver a luz da mesma manã na Calle de Alcalá ou no Chiado, se este voo não estreitar dia a dia, como naquele em que o «João Franco» trouxe as suas chávenas de café lisboeta, toda a nossa cordialidade espiritual.

«Conhecendo-nos, vendo-nos, dando-nos eco e réplica, estamos obrigados a dar o tom exacto da nossa amizade. O «João Franco», numa noite de camaradas, pôde mais do que dez congressos e vinte tratados internacionais.

JOSÉ LOPEZ RÚBIO.»

LIVROS E ESCRITORES

Se fôssemos intimados a declarar quais os nossos escritores de hoje mais assíduos, logo nos sairiam da boca estes dois nomes: Rocha Martins e Campos Monteiro. De facto, não damos por que haja ali penas mais prolíficas do que as d'elles. Volta e meia, um e outro nos transpõem o portal e nos vêm colocar sobre a banca de trabalho uma produção nova. Enquanto os mais gastam suas horas em meros sonhos, elles trabalham, sem aliás deixarem de sonhar também, porque o sonho é o casulo da criação literaria.

Pois Rocha Martins e Campos Monteiro aqui estão hoje mais uma vez a ocupar-nos, o que fazemos sempre com subido agrado. O primeiro trouxe-nos três novos trechos da história pátria romantizada: *O Infante Santo*, *A Amada do Camareiro* e *O Drama de Vila Viçosa*. Ali, o mais alto exemplo de abnegação pela terra-mãe; depois, na corte austera de D. Filipa de Lencastre, a história pungente dos amores dum moço fidalgo com uma formosa dama da rainha; por último, a justiça implacável de D. Jaime, Duque de Bragança, perante o adúltero de sua mulher. Três vitrais de antanho, com as cores avivadas, permitindo-nos evocar um Portugal de glória cimentada com o martírio dos seus mais felizes filhos e uma vida palaciana entre cuja pragmática o amor sentia a asfixia, indo boquear em pções de sangue sempre que tentava desprender dela os seus alvos remígios.

Campos Monteiro, por seu turno, não nos fez oferta mais minguada: dois são os seus livros de agora, um do género teatral, outro contendo um poema religioso. *Maria da Fonte* é uma opereta movimentada, já posta à prova no palco, que é a única e verdadeira craveira de tal literatura. Através das suas situações logicamente engrenadas, vem ao nosso encontro a popular heroína de 1846, no seu duplo e contraditório aspecto: a mulher a quem o amor pela pátria viriliza a mulher a quem o amor humano torna débil e infeliz. O diálogo é excelente e sempre salpicado de boa graça portuguesa, graça de que o autor parece ter um manancial inexgotável. *Santa Officia* é um adorável romance do céu, d'esses romances que Renan tanto amava, escrito, para mais, numa linguagem rimada: mais limpo modelo de castidade não nos saberia ministrar a história de qualquer outra figura do agiologio. Estas duas novas obras de Campos Monteiro, atestando a actividade devéras

gnática, exigindo pesado tributo de suor dos que a desbravam. Na *Batalha das Sombras* o cenário, também de entre-Tejo-e-Guadiana, lá está, dado a pinceladas largas, num léxico na sua maioria genuíno, mas apenas como subsídio do verdadeiro assunto, que é o estudo dum alma juvenil que vem ao mundo com a sina de ser livre e que, em obediência a esse destino, quebra a sua própria felicidade e a dos que se lhe dedicam. E, como moldura dessa singular Maria Jacinta, filha dum fidalgo e dum cigano, assistimos ao estertor do convento da Conceição, em Beja, cheio ainda do drama amoroso de Sór Maria, cuja lembrança irrequieta até final as suas reclusas. Por mais que nos surpreenda o desfecho do romance, contundindo-nos até, achamos da mais elemental justiça louvar o novo livro de Manuel Ribeiro. O seu entrêcho interessa-nos logo de princípio, interesse que se mantém até à última página.

O Irmão de Luzia é outro romance, de carácter religioso, trazendo mesmo o beneficócio dum alto dignitário da Igreja. Tem um propósito, uma tese: demonstrar o poder da fé, apagando do espirito do leitor a desconfiança perante os membros da Companhia de Jesus que ainda persiste no nosso povo. Para isso, na figura do Padre Honório acumulou o autor, sr. Nuno de Montemor, todas as virtudes, todas as belezas espirituais. A acção é intensa e muito curiosa para todos nós, pois decorre, na sua maior parte, em Lisboa e no ano da implantação do regime republicano em Portugal. Romance escurto de scenas realistas, as camadas católicas do nosso público não deixarão de certo de acolhê-lo bem, como aliás já bem acolheram *A Paixão dum Religioso*, de que *O Irmão de Luzia* é seqüência.

Tecido de episódios rápidos, como se a sua escrita tivesse ido buscar modelo ao cinematógrafo, deu-nos o sr. Luís de Sá Cardoso o seu segundo romance, *Amor do Coração... Amor dos Sentidos*. Se nêle não vemos ainda uma obra definitiva, de completo equilibrio, nada nos impede de dizermos que estas páginas testemunham um talento audacioso de novelista. O enredo é trepidante, muito da actualidade, sugerindo sem estorvos o contraste entre o amor espiritual, que eleva e constrói, e o amor sensual, que nada mais deixa no seu rasto do que a ignominia e o tédio.

Já em frente do romance *Olga*, do sr. Zarcos da Câmara, não podemos ser tão optimistas. A

ser lido e arquivado, como precioso diagnóstico da decadência da arte scenica, não só entre nós como no estrangeiro.

O dr. Motta Cabral, ribatejano que muito ama a região natal e dela se orgulha a cada passo, pelo que o Ribatejo tem de saudável na refulgência do sol que o ilumina e de epopéico na virilidade da gente que o habita, dada como nenhuma outra à lide de cavalos e touros, no seu último trabalho *A vara larga*, da mesma indole de *do sol*, põe-nos outra vez em frente dum boa série de manchas colhidas na sua terra e escorrentes dessa luz estimulante que a caracteriza. E, de mistura com apontamentos históricos sobre diversas localidades do Ribatejo e suas grandes casas de lavoura, aqui se desenha a figura esbelta dum campino, ali esculta um tonno tresmalhado, mais além se descobre o mexido e colorido quadrinho dum diversão de pesca ou de caça. E, como se estivéssemos ao ar livre, nos próprios locais evocados, vem-nos desta prosa de rija fêbra um hálito perfumado a campo, hálito que equivale a um tónico.

De crónicas se compõe o livro *O Mundo das Imagens*, subscrito pelo sr. Rebelo de Bettencourt. Na parte de abertura enfeixam-se elogios a vários homens de letras, criticando as suas obras com simpatia, que é um dom inerente à verdadeira critica; na segunda fala-nos o autor de certos artistas novos com quem muito pryon, entre os quais Santa Rita Pintor, espirito dum originalidade surpreendente, e discorre também sobre a corrente de arte denominada futurista; em seguida, em sete pedaços de boa prosa, diz-nos o sr. Rebelo de Bettencourt como viu a Inglaterra, acabando o seu livro por uma *Sinfonia do Inverno*, de tema e ritmo poéticos, embora lhe falte a rima. Todo o livro é de agradável leitura, desmentindo de sobre o desconceito em que vão caindo os volumes de crónicas, tantas vezes sem miolo que valha o trabalho de as coligir e dar à estampa.

Continuando a poesia a marcar o predomínio na nossa literatura, rara é a quinzena em que ela nos deixa de enviar mais de uma obra.

Esta última, porém, foi por excelência pródiga em livros de versos: nada menos de oito, dois d'elles firmados por nomes femininos e ambos estracantes. *Séda Vermelha*, de D. Ester Gil Nobre, salienta-se pelo seu exotismo, pela sua maneira ironica, sceptica, de olhar a vida. Nada de emoção. Descritivos, imagens que reduzem tudo ao concreto, apologia da vida moderna e dos seus hábitos rebeldes. É curioso, revelador de engenho, o livro. Já o *Doel de Lágrimas*, de D. Hermínia Teles da Gama, está nos antipodas daquele. Este é um escripto de versos sentimentais, pretendendo despertar em cada coisa e em cada ser uma alma.

Dos livros de versos de autoria masculina, dois constituem estreia: *Mar de Sargações*, de Oscar Cardoso, e *Fonte Branca*, de Fausto José. Num e noutro encontramos inspiração. Naquelle, mais amatório, cantam-se em todos os tons as mulheres morenas; no segundo, dum lirismo mais amplo, encontra-se o prenúncio dum grande poeta.

Os outros autores já nossos conhecidos são: Anrique Paço de Arcos, João Cabral do Nascimento, Raposo de Oliveira e José Coelho da Cunha. As suas obras últimas não desmerecem das que cada um d'elles, respectivamente, publicára antes. Em *Mors-Amor*, do primeiro, há a ansiedade de ampliar o sentido da vida. A musa do poeta é irmã da de Teixeira de Pascoas: impregnada de saudade e de tristeza vidente. Não há um só verso banal neste livro. Em *Arabalde*, do segundo, se por vezes a forma se amaneira, em repetições e trocadilhos de influencia simbolista, logo adquire surto espontâneo. *O Poeta do Sós*, de Raposo de Oliveira, é um poemeto escripto a propósito da Câmara do Funchal, onde António Nobre passou uma época da sua vida, ter dado o nome de Poeta do «Sós» a um dos largos da cidade. Evoca a figura de Anto e as características principais do seu inescancelvel livro, evocação feita com muita sensibilidade. Finalmente, no *Cancioneiro de Amor*, uma das mais mimosas edições saídas ultimamente entre nós, José Coelho da Cunha vaza em sonetos e sonetinhos de elegante recorte as suas confidências amorosas e os seus sonhos mais altos, que, como a produção final assevera, se resumem para o autor em louvar uma mulher e a Terra.



Oscar Cardoso



Rebelo de Bettencourt



José Coelho da Cunha

espantosa da sua pena, mostram-nos também a admirável profetividade do seu temperamento, que lhe permite ir de extremo a extremo do país literário, produzindo, além de muito, sempre variado e bom.

Manuel Ribeiro publicou em *A Batalha das Sombras* um romance de ambiente provinciano, de forte acento regional, como a sua anterior *Plantão Heróica*, mas mais bem construído do que ela, o que é sinal de que o autor progride de livro para livro. Digamos mesmo que é este verdadeiramente o seu primeiro romance, pois nas suas obras atrás impressas o erudito frequentes vezes se sobreponha ao romancista, iludindo-lhe os desígnios. Aqui, abre-se a obra e logo o drama começa a prender-nos, logo o surdo rumor da batalha dá alarme, ao passo que na *Plantão Heróica* a personagem única que avultava a nossos olhos até mais de meio do livro era a terra alentejana, a terra esquiva, eni-

fábula não está bem conduzida e a linguagem é muito falha de brilho e relevo. Salva-se, porém, a intenção: mostrar que nas colónias pode estar a salvação de muitos rapazes que na metrópole, nos desregramentos dum vida hipercivilizada, dissipam a saúde, os bens e o carácter.

Lourdes é um opúsculo de critica saído agora em segunda estampa, o que atesta duas coisas: o interesse do assunto e o acerto com que foi tratado. Deste facto não nos devemos admirar, desde que lembremos ser autor do estudo em questão Ednardo dos Santos, espirito crítico que, sob o pseudónimo de *Edurisa*, tem dado na imprensa largas mostras da sua boa cultura e da sua fina análise. Pois, a propósito da peça de Alfredo Cortês que tem aquele título, peça de ambiente místico, Eduardo dos Santos atacou o problema da crise actual do teatro com vigor e intelligência, entrando em considerações muito atendíveis, que tornam este opúsculo digno de

A CASA PORTUGUESA

RAMALHÃO-SINTRA

PROPRIEDADE
DOS HERDEIROS DOS SRS. VISCONDES DE VALMOR



*Serviu em tempo de residência
ao célebre William Beckford; mais
tarde foi propriedade de D. Car-
lota Joaquina e de aí a velha
canção política:*

A Quinta do Ramalhão
É ditosa, sem igual.
Esconden-se dentro dela
Uma pessoa real.



AS COLÓNIAS

SÃO UMA QUESTÃO DE VIDA OU DE MORTE PARA A ALEMANHA

SENSACIONAL. ENTREVISTA COM O DR. HEINRICH SCHNEE, EX-GOVERNADOR DO ESTE AFRICANO ALEMÃO

Um dos indivíduos que acreditam ainda chegará o dia em que a Alemanha recuperará as suas colónias, é o Dr. Heinrich Schnee, ex-governador do Este Africano alemão. O Dr. Schnee afirma que *as nações agora de posse dessas colónias não precisam delas para nada, enquanto para o povo alemão tais possessões constituem uma questão de vida ou de morte*. Daqui o facto de o aludido colonial germânico andar há tempos empenhado na campanha pró-restituição desses territórios à Imperial República.

O sr. Schnee está principalmente interessado na restituição do Este Africano alemão, embora nem por isso deixe de pugnar pelo retorno do resto do perdido império colonial germânico. E não perde ocasião para lembrar que as possessões arrebatadas pelo Tratado de Versailles à Alemanha possuem uma área seis vezes superior à da sua pátria. Estão compreendidas nessa área o Este Africano, os territórios dos Camarões, Togo, Sudeste africano, a Nova Guiné, as Ilhas Samoa, algumas outras ilhas nos mares do Sul e bem assim Kiau-Tcheu, na China. O número



Um tipo característico de potentado do Este Africano Alemão

total dos habitantes desses territórios anda por cerca de quatorze milhões.

«Para a Alemanha é uma questão de vida ou de morte o receber matérias primas e mantimentos das terras ultramarinas», afirma o Dr. Schnee. «Produzir o necessário para a vida no seu próprio solo da Europa é impossível, ainda mesmo que se tenha em vista apenas as necessidades da actual população da Alemanha. Quem se lembrar, porém, de que o povo alemão cresce extraordinariamente a pesar das enormes perdas sofridas durante a Grande Guerra, e ainda de que a minha pátria foi esbulhada de parte do seu próprio solo continental, verá bem a gravidade assumida pelo problema num tempo não muito afastado do actual.»

A PRODUÇÃO DAS COLÓNIAS EX-ALEMÃS

«As colónias arrebatadas à Alemanha pelo Tratado de Versailles devem ser encaradas como as imprescindíveis produtoras de matérias primas e alimentícias. Desde que, em 1884, as adquiriu, o Império Alemão trabalhou arduamente para que elas produzissem quanto precisava e as colónias foram progredindo satisfatoriamente no sentido de

fornecer à metrópole aquilo que hoje tanta falta faz. Grandes quantidades de borracha, milho, fio de sisal, óleo de palma e outros produtos úteis foram importados pela Alemanha das suas colónias antes do início da guerra; largo e próspero era o futuro que lhes estava reservado sob todos os aspectos.

«Com o tempo estou certo de que as colónias alemãs produzirão enormes quantidades de algodão, bem como gados e peles em larga escala. São também muito ricas em minérios diversos—entre eles ouro e cobre. Com o futuro desenvolvimento da rede ferroviária—já amplamente iniciado e praticado sob a administração alemã—possível se tornará trazer para a Europa grandes quantidades de todas estas coisas e muitas outras.

«Um dos aspectos da questão não deverá ser esquecido: o pagamento das reparações alemãs pelo plano Dawes. Se tais pagamentos tem de ser feitos nos anos futuros sem que à Alemanha seja permitido o recurso a empréstimos externos, é claro que se terá de encontrar meios que estimulem o comércio alemão de forma a habilitar a Alemanha a exibir um excesso de exportação sobre a importação. Ora, presentemente, o meu país importa muito mais do que exporta. Só restringindo essa importação é que a Alemanha poderá fazer face às obrigações impostas pelo plano Dawes. No momento que ora passa, porém, as terras vizinhas da República alemã estabeleceram tarifas alfandegárias contra a exportação alemã, por temer um efeito prejudicial sobre o seu comércio desde que os produtos alemães inundem os mercados estrangeiros.



O general Von Lettow-Vorbeck, comandante das forças germanicas no Este Africano Alemão durante a Grande Guerra e cuja acção notabilíssima mereceu os maiores elogios aos próprios inimigos



Uma caravana de carregadores indígenas nas colónias ex-alemãs da África

«Se a Alemanha recuperar as suas colónias e puder desenvolver os seus recursos, bem depressa estará em condições de exportar produtos que não são usualmente atingidos pelas tarifas proteccionistas. Poderá vender borracha, por exemplo, e algodão, — produtos estes bem recebidos em todos os mercados, independentemente do país que os apresente. E, desta forma, a desfavorável balança do comércio da Alemanha tenderá a modificar-se e melhor poderá o governo alemão fazer face aos pagamentos do plano Dawes.»

O AUXÍLIO DAS COLÓNIAS

O Dr. Schnee apresenta em seguida algumas estatísticas que mostram como as colónias alemãs poderiam concorrer para auxiliar a metrópole nas suas necessidades de matérias primas e alimentícias desde que nelas voltasse a ser arvorado o pavilhão germânico. Segundo essas estatísticas as antigas colónias alemãs exportaram em 1925 um total de 18.275 toneladas de fio de sisal, o qual teria sido mais do que suficiente para satisfazer a procura alemã de tal mercadoria, mais do que suficiente, por outras palavras, para produzir todos os cabos utilizados pela Alemanha.

O fosfato produzido pelas antigas colónias alemãs bastaria para cobrir 56 % das necessidades da metrópole; o óleo de palma daria 50 %; a produção de madeiras tropicais cobriria 56 %; a copra 42 %; o côco 23 %; as nozes de palma 22 %. Entre os minerais, o minério de cobre subtraído em 1925 às quantidades necessárias à Alemanha representaria 56 %.

Além disto tudo, embora a produção do algodão, lã, borracha, café e gados esteja no seu inflexo nas colónias ex-alemãs, a exportação destes produtos desde que a Alemanha perdeu as suas possessões é tal, segundo os dados fornecidos pelo Dr. Schnee, que de forma alguma poderá ser desprezada. As quantidades de café, por exemplo, que vieram desses territórios, em 1925, atingiram mais de 6 % do total consumido na Alemanha. A borracha das mesmas regiões equivalu a 4 % do consumo total alemão; os gados a 3 ½ %; o algodão a mais de 2 % e a lã 1 %.

O ASPECTO MORAL DA QUESTÃO

Embora considere o aspecto económico da questão mais importante do que qualquer outro, o Dr. Schnee também não perde de vista o aspecto moral da restituição das

colónias à Alemanha. A acusação de que o seu país era inhábil para governar colónias, — e que foi a base para o despojarem dos territórios em referência — ofende o patriotismo de muitos e muitos milhares de alemães.

«Semelhante acusação é um perfeito contrasenso» — afirma o Dr. Schnee. «A maneira como a Alemanha governava as suas colónias era excelente. E não será precisa prova melhor para o que digo do que o sucedido no Este Africano alemão quando eu lá fui governador. Se nós não tivéssemos tratado bem os nativos, era mais do que certo terem-se eles revoltado contra o domínio alemão em 1914, quando a guerra rebentou e os alemães foram obrigados a recorrer ao auxílio dos indígenas para defender a sua colónia.

«Por essa ocasião havia lá cerca de seis



Tipos curiosos de indígenas do Este Africano Alemão

mil alemães, rodeados por uma população de oito milhões de negros. Os indígenas habilitaram-nos, desde o início da Grande Guerra até ao fim, a manter as linhas de comunicação das nossas forças em campanha e além disso ainda nos forneceram copioso número de soldados recrutados entre eles e os quais combateram leal e valorosamente. A cada passo se poderiam ter levantado contra nós: o ponto é que o quissemos fazer! Mas a verdade é que o não fizeram, tendo estado sempre ao nosso lado.

«Um outro facto: Quando a guerra terminou, os ingleses, que ocupavam o Este de África, expulsaram todos os alemães dos territórios em que eles se encontravam. Mas, desde então, tem readmitido aqueles mesmo que haviam expulso e isto porque verificaram obter-se os melhores resultados pelo

que respeita aos trabalhadores indígenas desde que se lhes permita trabalharem sob as ordens dos seus antigos dominadores alemães. Não defenderão estes factos com iniludível clareza o género de tratamento usado pelos alemães para com os indígenas?»

O Dr. Schnee liga grande importância aos recentes acontecimentos de Genebra respeitantes às colónias alemãs.

«Deve-se recordar — continua o ilustre colonial germânico — de que o Dr. Stresemann, ministro alemão dos Negócios Estrangeiros, afirmou ao entrar a Alemanha para a Liga das Nações, que faria todos os esforços para que o seu país obtivesse mandatos sobre as suas antigas colónias desde que o tempo se mostrasse propício para tais esforços. Nenhum protesto se erguer contra a afirmação do sr. Stresemann por parte dos seus colegas dos países aliados; muito pelo contrário: foi até aplaudido pelos srs. Austen Chamberlain e Briand. Como vê, semelhante atitude dos aliados não está muito de acordo com a crença de que a Alemanha seja uma nação indigna de possuir colónias.

«Além disso, o sr. Kasti, um alemão, foi nomeado membro da Comissão Permanente de Mandatos da Liga. Significa isto um grande passo dado no caminho a percorrer. E a presença de um alemão na Comissão de Mandatos é absolutamente incompatível com a teoria de que a acção dos alemães, como administradores coloniais, foi uma calamidade.

«É interessante relembrar que o facto de as colónias alemãs estarem na posse das nações aliadas como simples mandatos — o que leva a Alemanha a acreditar ser a suzerania aliada nessas colónias meramente temporária — é devido à acção do Presidente Woodrow Wilson. Verificou-se ultimamente que, a princípio, se pensara em permitir à França e Inglaterra a anexação pura e simples dessas colónias. Mas Wilson opôs-se terminantemente a isso, declarando que semelhante facto representaria uma autêntica exploração por parte dos vencedores.

«Como resultado da sua oposição apareceram os mandatos. A Grã-Bretanha obteve o mandato sobre algumas das colónias alemãs, cabendo à França o mandato sobre as outras. A natureza essencialmente temporária dos mandatos ficou bem demonstrada há pouco tempo pela atitude assumida pela América a respeito do *contrôle* inglês no Irak. E nós, alemães, sentimos que não há diferença entre o *status* do Irak e o das antigas possessões alemãs.»

(Exclusivo da *Anglo American N. S.* para «Ilustrações».)



LUA E SÓRE LISBOA

(Estudo fotográfico de João Martins)

JOAQUIM D'ALMEIDA

UM EXTRAORDINÁRIO ARTISTA

Faz sete anos, no dia 22 d'êste mês florido e cantante de Julho, que morreu um dos maiores actores da nossa terra — Joaquim de Almeida.

Os mortos esquecem depressa, e o sublime artista pode contar-se entre os grandes esquecidos.

Parece mesmo que quanto mais mérito, quanto mais talento, quanto mais direito alguém tem à memória e à saúdade das gentes, mais depressa é relegado para as sombras do olvido.

Joaquim de Almeida não foge à regra, e é isso o que o torna maior na admiração dos raros que nunca esquecem.

Que extraordinário actor perdeu nêlo o teatro português!

Não houve nem haverá tão cêdo quem apresente à luz da rampa tão variadas e preciosas qualidades histrionicas.

Nunca se repetia. Cada papel era um novo homem que surgia no palco, a deslumbrar-nos e a deixar-nos espantados de tanta audácia, que tinha o seu quê de milagre.

Até a voz nêlo se modificava. Quem o ouvia no «Papa Lebonnard» não podia acreditar que fôsse êle a alma torturada do «Saltimbanco», ou aquêlo endiabrado *compère* de revista, que nos torcia de riso.

Não conheci Joaquim de Almeida nos seus primeiros papeis de galã, mas sei, por críticos competentes dêsse tempo, que foi tão grande de verdade como nos centros em que o admirei.

A primeira vez que o vi, era eu uma collegial, já muito apaixonada pelo teatro, mas



Joaquim de Almeida

(Foto J. J. Novais).

sem acalentar qualquer ideia de vir a ser artista um dia.

Foi na *Mam'selle Nitouche*, com Lucinda do Carmo.

Aquêlo *Flôridor-Burro meu* deixou-me maravilhada.

É tem graça que foi nesta peça, fazendo a protagonista, que debutei no Trindade e



Joaquim de Almeida no *Paralítico*

UMA GRANDE ALMA

nunca me esqueceu o trabalho formidável de Joaquim de Almeida, apesar de ter representado a peça, no decurso da minha carreira, com cómicos do valor de Leoni e Alfredo de Carvalho.

É que Joaquim de Almeida punha em todos os seus papeis um cunho especial, inconfundível: a marca dos predestinados do génio.

É foi infeliz, como todos os génios.

Depois de tanta glória, tanta lisonja, tanta apregoada amizade, teve uma velhice cruel e desamparada, e até cegou.

Alves da Cunha, que é dos novos o único que se lhe assemelha na feição histrionica, ofereceu-lhe uma récita de auxilio.

Foi a última homenagem que teve o pobre e grande Artista.

Joaquim de Almeida era na vida uma criatura inteligentissima e cheia de espirito, por vezes aggressivo, como todos os que se sentem superiores e mal comprehendidos.

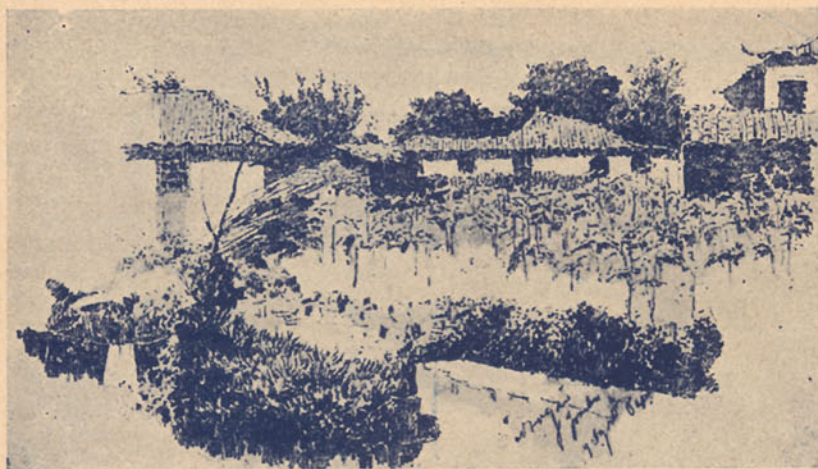
Há dêle uma resposta contundente, a um pedante que lhe perguntava se a divina Maria Guerrero não fazia gestos de mais, se não mostrava de mais as mãos:

— Não, V. Ex.^a é que mostra de mais os pés.

A sua competência critica cabia tóda nesta frase.

Morreu êste enorme artista e homem de alma e coração no dia 22 de Julho, num dia florido e cantante, tal como o genial António Pedro que a morte levou também em 22 de Julho de 1889.

MERCEDES BLASCO.



Recanto de Pedrogão, primoroso apontamento de José Malhóia

Na monografia que recentemente publicamos sobre o Mestre de *Figueiró*, socorremos-nos da obra de Balzac para melhor ajustar o paralelismo d'esse *Deus intus*, subconsciente, que notabiliza as personalidades do pintor do «*Vou ser mãe!*» e do autor da «*Comédia Humana*».

Com efeito, é corrente utilizar-se a expressão «realismo» como significando «fidelidade» rigorosa e escrupulosa na cópia do mundo exterior — relegando-se a individualidade e a interpretação criadora, sacrificando-se a «alucinação interior» em holocausto à *exactidão*.

O «realista» excelso, perfeito, completo, será, assim, aquele que mais servilmente se aproxime da realidade, que mais fielmente a retrate, que mais hábilmente a sequestre, intacta e sem mácula, ao convívio do humus.

A «*matureza individual*», a *superioridade dramática do inconsciente*, dentro de tal doutrinarismo obsoleto, fechado herméticamente numa lógica, numa metafísica inaceitável, a roçar o empirismo de Taine e a filosofia de

Spinoza, escraviza-se, sucumbe, perante a *imitação copista*.

É a negação do génio, da labareda insufladora, da intuição, da ideia glorificante, da espontaneidade, da vontade, da liberdade, e dessa *faculdade de abstracção* que sublinha e caracteriza a *inteligência do homem*.

Integrados, porém, nesta concepção idólatra, fora do mercado, neste figurino *vieux monde*, ainda por aí se vê quem enfrente o cômico do desuso, vestindo-o com enfase.

E, entretanto, o *realismo* é mais alguma coisa do que a simples constatação apriorística, determinista.

Em Malhóia o *realismo* resulta, decididamente, a demonstração viva e eloquente de uma percepção de ordem psicológica superior que a circunferência do «motivo» não logra enclausurar.

A sua arte não é, desta sorte, simplesmente *objectiva*.

Quando *realiza*, *cria* — sem atraçoar, *anima* — sem desvirtuar, *exalta* — com inteligência, *modéla* — com desfastio, peróra com uma



Apontamento para a figura do pedinte de «Pelos benditas almas»

O R E A D E M A

luminosidade de mãos dadas a uma vivacidade estridente, que logo embevece, e catequiza, e seduz, pelo ineditismo e pela porção de bom e salutar *humour* que dêle se espargem, por vezes, em singular fluência.

Arte sem programa, sagrada de rebeldia, e tornada notável pelo que nela há de originalidade pictórica e cromática, — a *realidade*, na obra de Malhóia, não enferma, pois, da subserviência do «preconceito».

Como no *Jardim de Epicuro*, o seu *realismo* é, inalteravelmente, testemunhado pela *Ironia* e pela *Piedade*. «Uma sorrindo, torna-nos a vida amena; a outra, chorando, no-la torna venerável.



Um apontamento inédito do Mestre

Esta, efectivamente, a síntese ajustada da obra do grande Pintor.

O *sentimento estético*, resulta, na obra d'esse Bernardim da pintura contemporânea, qualquer coisa de ordem superior e de muito subtil, pelo poder surpreendente de *revelação* que cada um dos seus quadros retém.

O «*real*» anda quasi sempre casado com o «*sublime*», mercê de uma linguagem inimiga do artificio ou do sofisma, que caprichosamente teima em nos ocultar o fim do primeiro e o princípio do segundo.

A imaginação interpretativa da realidade, no Pintor, tem por objecto intrínseco a exclusiva e religiosa captação da *Verdade*. *Penetrá-la, associá-la, restitui-la*, com inteligência, à admiração dos homens, — eis aí a sua preocupação dominante.

Preocupação que, aliás, o identifica com o culto estético dos primitivos, que Ruskin traduz nas seguintes palavras: «*Tout ce qui est vraiment grand dans l'art chrétien se restreint rigoureusement à ce qui y est humain, et même les extases des âmes rache-*

LISMO LHÔA

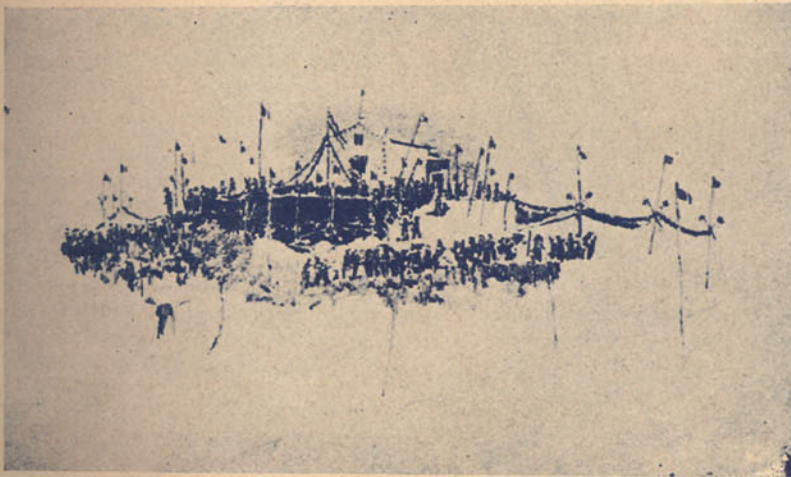
tées qui entrent *celestemente ballando* par la porte du paradis de l'Angelico furent aperçues d'abord dans la gaieté terrestre encore que très pure des Florentines».

Os «croquis» inéditos que acompanham estas linhas, são a confirmação ineludível e incontestável de um temperamento admirável e individual que não cessa, que se não fatiga de observar, da acuidade de uma retina ansiosa, da delicadeza finíssima de uma mão excepcional, da «paciência e amor duma Griselda».

O bizarro, o pitoresco, a «garra», a ideia



Estudo inédito para «Barbeiro de aldeia»



Desenho inédito de Malhõa

nascitura, a presteza e o equilíbrio e harmonia do ensaio,—tudo af é dado, nervosa, irrequieta, precipitadamente, sob o domínio de uma *vontadê* imperativa que sabe estreitar num só amplexo o cérebro e o coração.

É um pintor, para além de tudo e acima de tudo, *humano*.

Nesta qualidade, reside, pois, a fonte perene do seu «realismo».

Não basta — escrevemos nós há dias — um pinheiro solitário e desgrenhado, crucificando-se, voluntariosamente, no azul diáfano, como que exibindo-nos as suas Cinco-Chagas; — um outeiro espreguiçando-se com acentuada volúpia no roxo da distância, ou contornando-se na agonia rubra de um sol poente; — um fio de água cantante, serpenteando por entre vetustos e adolescentes salgueirais; — uma ovelha taciturna, tosquiando, brandamente, a herva da planície.

É preciso alguma coisa de mais sugestivo, de menos afectado, se nos é permitido exprimir-nos assim.

Precisa-se de *verve* e de *músculo*; de alma e de sonho, de caricatura e de pitoresco; melhor: — de casar o Homem com a Terra e

de lhe chapar na epiderme um sol caustico, meridional.

A paisagem deve relegar-se, desta maneira, ao seu papel de acessório lírico, porque, cumpre entregar generosamente ao homem o primeiro plano.

No «teatro pitoresco» de Malhõa as figuras, recortando-se num fundo de paisagem, movimentam-se e representam como o mais ideal dos pantominos.

O descritivo não se aparta, em tóda a sua obra, do anecdótico, se não por mero incidente; o paisagista dá sempre o braço ao pintor de *gênero*, colabora com êle na composição.

Assim, nas telas: — «Espantando os paraís da seara», «O barbeiro na aldeia», «As cócegas», «Volta da Romaria», «Emigrantes», «A sesta», «A procissão», «Só na aldeia», «O remédio», «Pastorinho», «Basta, meu pai!», «Ciumes», «Que lindo o nosso menino!», «Dar de beber a quem tem sêde».

HUMBERTO PELÁGIO.



Um dos primeiros desenhos do Mestre para «A procissão».

FEMININA

NO MEDALHÃO, *do centro*: — Dois chapéus curiosíssimos, criação da afamada modelista Cora Marson
(Foto G. L. Manuel Frères)



NO MEDALHÃO, *de cima*: — Um chapéu de Cora Marson de palha bangkok e copa bordada, que apresenta a inovação duma *bandelette* bordada sob a alça

(Foto G. L. Manuel Frères).

AO CENTRO, *à esquerda*: — Lindo vestido de noite em georgette bordado a strass, branco e crème, criação de Beer

(Foto G. L. Manuel Frères).

NO MEDALHÃO, *de baixo*: — A casa Agnelé lança um feltro bege guarnecido de pele de leopardo, fita grosgrain e preguinhos oxidados

(Foto H. Manuel)



NO MEDALHÃO, *de cima*: — Um chapéu de Cora Marson tolo em fitas largas de setim preto entrelaçadas com arte e encanto pouco vulgares

(Foto G. L. Manuel Frères).

AO CENTRO, *à direita*: — Modelo de «soirée» da casa Beer, delicioso de simplicidade, em crêpe da China branco e folhos de tule branco

(Foto G. L. Manuel Frères).

NO MEDALHÃO, *em baixo*: — Outro feltro, este da casa Lewis, ideal para turismo

(Foto G. L. Manuel Frères).



NO OVAL DO MEIO: — Vestido de crêpe da China estampado vermelho e branco de Nicole Groult. (Foto G. L. Manuel Frères)

A TERRA PORTUGUESA

NOS SEUS ASPECTOS CULTURAIS

VII. — A RIQUEZA FLORESTAL. — (Continuação do n.º 59) — O SOBREIRO

Depois que no artigo anterior foi encarada a exploração do sobreiro, especialmente no aspecto económico, podem agora desenhar-se, no que elles têm de característico, as práticas culturais e os processos da indústria, relativos à produção e preparo da cortiça: quadro da vida alentejana essencialmente do litoral, mas susceptível de reproduzir-se em todo o centro como no sul, pois que um pouco por toda a parte, na planura que prefere, como na serra, pode o sobreiro ser visto no país. Terras soltas, por vezes magras terras arenosas, são as que melhor lhe convêm, e penetrando fundo em tais solos, a radicação potente desta árvore garante-lhe uma regular vegetação que, aliás, a ser extremamente pujante, só daria lugar à produção de cortiça mais ordinária.

Acodem ao montado os descortiçadores, em pleno verão, começando a faina da «tirada» em cada caso consoante o ano foi correndo,



Carros transportando a cortiça



A sombra da cortiça

a cortiça se despega mais cedo ou tarde, e maior ou menor é o número das árvores a descortiar. Nestas, a «despida» compreende sempre a cortiça do tronco e a «dos ares», isto é, a das pernas, que, em boa regra, deve extrair-se em desencontro com a primeira.

Este é o momento da maior movimentação no montado. Acolhe o sobral em sua sombra esparsa os ranchos do pessoal, vin-

dos de longe muitas vezes, e para ali acampando para uma faina, que é cheia de interesse, de côr local e que requiere dos operários em trabalho consciência de bem fazer e mais geito, ainda que vigor.

Muncem-se os homens de pequenos machados com que se fazem as incisões longitudinais e transversais, servindo a libertar os «canudos» de cortiça, e o descolamento desta consegue-se trabalhando o cabo das machadinhas, tallhado em cumha, à maneira de alavanca.

Para a extração da cortiça cimeira servem as pequenas escadas, companheiras habituais do descortiçador. A cortiça tirada vai sendo levada para a pilha, onde fica embarcada, a secar. Dali a carregam os carros, com cu sem «traçamento» prévio, para a fábrica mais próxima onde, no geral, vem a sofrer apenas um pequeno preparo que a transforma em artigo de exportação: são fases principais d'este preparo a «raspagem» que a liberta da parte externa rugosa e muito fendida; a «cosedura», feita a fogo di-

recto ou por injeção de vapor, operação esta que a torna apta ao trabalho ulterior; o «traçamento», que determina as dimensões adequadas para as diversas «pranchas» e procede à escólha pelo calibre; e o «recorte», operação complementar, que é uma última limpeza. Seguem-se a «escólha» e o «enfardamento», que serve a garantir as possibilidades de transporte. Assim a vêem, uma vez por outra, os lisboetas, à cortiça, em fardos,



Descortiçando



Operário descortiçador

que as carroças conduzem para os cais e são já aqui, para com o montado distante, um eco longínquo de uma vida silvestre, em certa quadra muito intensa, e a evocação de um quadro, que é cheio de colorido, quando os troncos nus, das árvores descortiçadas, vão gradualmente passando do amarelo torrado ao vermelho ferrúgem, animando, assim, por si mesmos, alacremente, uma paisagem que, de ordinário, é baça e sombria.

AZEVEDO GOMES.

LA MORERIA

TRADUÇÃO
ESPANHOLA

DE A SEVERA

DE JULIO DANTAS

Não sei se os moços portugueses de hoje formam da poesia o mesmo conceito que formavam os moços portugueses do meu tempo. É de desejar que não. Aqui há uma boa dúzia de anos, dos meus quinze aos dezoito, a tuberculose estava considerada como uma caudalosa fonte de inspiração e para que a musa pudesse dar o seu máximo rendimento era imprescindível uma tuberculose pela prôa. Versejávamos menos mal, justiça seja feita à geração da redondilha gemida a que pertenci, mas nenhum de nós julgava atingir o auge da sua emoção poética sem uma tísicasinha bemfezja e imortalizadora.

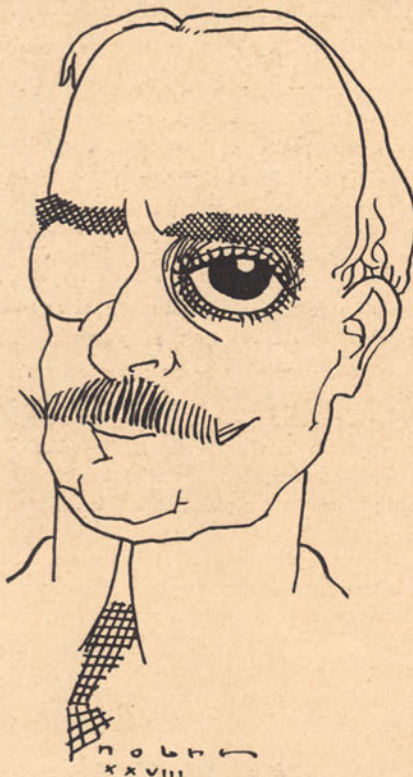
Fôsse porque a constituição física lhes amparasse o desejo, fôsse porque tomassem a coisa mais a peito do que os que por cá ficaram, o certo é que houve casos de tuberculosos poéticos que deram na sepultura com alguns dos rouxinóis que comigo cantaram.

O tríptico mais representativo da poesia nacional era constituído por Cesário Verde, António Nobre e José Duro, três casos verídicos de tuberculose que coincidiram com profundas e sugestivas veias poéticas. A poesia era, no nosso entender, não uma coincidência com o mal, mas um produto do próprio mal. Quando não nos injectavam a tuberculose no corpo, infiltravam-na no espírito. Os sanatórios, para os poetas do meu tempo, não tinham uma utilidade reconhecida. A poesia tonificava os pulmões, e a morte, a noiva sublime do poeta leveirinho, aguardava-nos com os seus braços de eternidade. Era a redondilha a desfazer-se em ais, em lamentos, em gemidos e daí a fama de choramingas que Portugal tem cá fora.

Isto veio a propósito dum amável discurso lírico de admirativa comisseração por nós que o escritor espanhol sr. Garcia Sanchis fez na noite em que eu vi *La Moreria*. As simpáticas palavras de tão illustre colega deixaram-me num deplorável estado de decaimento espiritual. A lenda portuguesa hoje é esta: tristeza, trizeza e tristeza.

Ora eu já estou farto de que tenham pena de mim e peço aos meus compatriotas da lusitaníssima redondilha que comecem a deitar

cá para fora sopros de alegria e saúde, que se recolhe às mãos cheias lá pelos nossos campos, pelo nosso sol e pela nossa Histó-



Dr. Júlio Dantas
(Desenho de Roberto Nobre).

ria. Saneamento na poesia e bom ar no espírito. As doenças curam-se nos hospitais e demos à poesia mais alta e salubre utilidade. Desfaçamos a lenda, trasladando para os sanatórios a aplicação que no meu tempo se dava ao verso.

Em homenagem aos médicos portugueses que vieram assistir ao II Congresso de Urologia, deu a companhia de Apolo, actual-

mente em função popular no Teatro de «La Latina», uma representação de *A Severa*, de Júlio Dantas, fiel e brilhantemente traduzida pelo sr. Fernandez Shaw, com agradável música do maestro sr. Millan.

A Severa marcou na sua época, não conseguindo a pesar dos materiais habilidosamente empregados para o bom resultado dos seus efeitos, opôr-se à acção depuradora do tempo.

Quando um tema se subordina a um determinado período de compreensão ou visibilidade, isto é, quando se lança à mercê das oscilações inevitáveis do tempo, corresponde, em arte, a encarar o problema pelo seu lado mais fácil. A apresentação por si só supre qualquer esforço de resolução. A crónica dialogada pode desempenhar o papel duma peça teatral. Assim, *A Severa* do dr. Júlio Dantas, apegada a um período por virtude peculiar de época, podia ser hoje substituída, sem que a arte acusasse a menor falta, por uma das suas crónicas a carácter, género que elle cultivava em Portugal com inegáveis direitos de primazia.

A Severa, recalquemos, marcou na sua época, teve a sua crítica da época, brillhou como êxito da época, e não lhe seria favorável a crítica de hoje, orientada por um sem fim de princípios distintos, opostos até, que conduzem a outras valorizações. Seria mesmo injusto aplicar a crítica de hoje a uma peça que é de ontem, que não passa de ontem, e que, em verdade se diga, não representa o mais sólido esteio onde o respeitável escritor português possa afirmar o seu nome justifiadamente conhecido, e sempre literariamente considerado, quando de boa fé se julga.

Quando se aprecia em conjunto a obra de Benavente, o famoso dramaturgo espanhol, é este um dos seus mais graves defeitos. Benavente trabalha com os caprichos e com o vocabulário dum período de tempo reduzidíssimo e as suas obras vão passando com

as novas «nuances» e o novo vocabulário que o novo tempo nos vai dando. Vi aqui há dias a sua *La comida de las fieras*, posta em scena pela inteligente artista catalã Margarida Xirgu, e aquilo que há vinte anos constituiu um êxito rotundo pelo interesse da época, hoje, com o tempo, transformou-se numa peça banal, impregnada dos mais batidos lugares comuns, que não suporta a crítica generosa em face duma peça de autor de terceira fila. Se *Los intereses creados* e *Señora ama* passarem pelos olhos dos nossos netos com a mesma firmeza com que hoje passam pelos nossos olhos, talvez que o sr. Benavente aqui conseguisse bafos de eternidade. Quanto a mim, essas obras são suficientes a consolidar a reputação universal de que goza o engenhoso comediógrafo. Mas a maior parte das obras do seu variado reportório amolda-se ao corte de *La comida de las fieras*.

A companhia não é deshonrosa para o sr. Júlio Dantas. A sua *Severa* passou e o seu nome perdura, felizmente, graças a outras obras de mais valia e com menos preocupação de popularidade imediata. Não me detenho, portanto, a julgar do valor da peça, deixando acentuado que, a despeito destes leves reparos, considero uma inferioridade perseguir um escritor por sistema ou por... política. As posições literárias em voga nunca me seduziram e ainda me resta um pouco de serenidade para discriminar o alto valor literário do sr. Júlio Dantas de todas as suas restantes atitudes na vida pública do meu país, que, por muito pública que seja, não têm a menor relação com a sua vida artística. Creio mesmo que fazer confusões, negando esta, é perder toda a autoridade moral para censurar aquelas.



Selma Perez Carpio, criadora da «Severa» em Madrid

Tenta *A Severa*, baptisada em espanhol com o nome de *La Moreria*, reproduzir, com intencionado colorido, um quadro da baixa vida lisboeta de há mais de meio século. Não é, como muita gente aqui e aí supõe, uma manifestação estruturalmente portuguesa. *A Severa* é um produto do fado e há quem negue ao fado a sua origem lusitana. Enfi-leiro nesta reparadora conclusão, e, se não provo o meu ponto de vista, é porque não cabe estudar num artigo de revista as origens do fado, que português ou não português, assenta como uma luva nas nossas cõcegas sentimentais, de idade recente em relação à história, de natureza apurada e contágio reconhecido. Transigindo mesmo com aqueles que lhe dão foros de virtude nacional, não é a única nem a mais feliz expressão da nossa sensibilidade. É, para mal nosso, aquela que mais nos agrada. É um mau gosto, é certo, mas é um gosto.

A figura amorosa de *A Severa* (sem intuito de ofensa para a galeria portuguesa da nossa tradição) não é compreendida em Espanha. A amorosa espanhola dessa época e desse jaez, que se estendeu, como em Portugal, até há poucos anos a esta parte, não morreria de amor a cantar o fado. Mais violenta, mais sanguínea, mais dramática do que a nossa, ter-se-ia vingado dos deslantes do fidalgo toureiro com uma punhalada no bandulho, indo-se depois reunir com êle na eternidade pelo romântico caminho dum punhado de fósforos de cozinha diluídos em água. E, se escapasse desta, vê-la-famos hoje em Madrid, com cento e tantos quilos de peso, a dirigir uma pensão de «garbanzos» e «dentejas» quotidianas, a alternar.

Foi esta *A Severa* que nos deu a sr.^a Perez Carpio, sua admirável intérprete em «espanhol», reduzida, claro está, à primeira fase das duas apontadas. Exigir-lhe mais,

tal a impossibilidade de adaptação das virtudes ou defeitos característicos de dois povos fundamentalmente distintos, seria exigir-lhe que mudasse, ao nascer, de nacionalidade.

Secundaram-na, em correspondência nacional, os restantes actores da Companhia de Apolo, actualmente em função popular no Teatro de «La Latina», o centro artístico dos «barrios bajos» madrilenos. É, devido a isto, a peça ainda hoje se conserva no cartaz, porque se a Companhia a exhibisse no teatro da sua sede, o cosmopolita Apolo da Calle de Alcalá, a crítica teatral da «villa y corte», que está de cada vez a exigir mais, não teria deixado sem reparos a obra do sr. Júlio Dantas, não lhe respeitando, certamente, as razões de tempo a que aludo no princípio deste artigo.

Madrid, Junho-1928. NOVAIS TEIXEIRA.

VIDA CIENTÍFICA

TORRES OBLIQUAS



A antiga Torre Nova de Saragossa

Há por essa Europa algumas torres que fogem da verticalidade, sendo particularmente celebrada entre todas a famosa torre de Pisa. Afirmavam os antigos crónistas toscanos que essa desobediência às indicações do fio de prumo fôra propositada, querendo o constructor manifestar por êsse modo o seu excepcional saber. De facto, os andares superiores da torre foram construídos por forma a poder equilibrar um desnivelamento produzido no andar inferior. Julga-se, porém, que êsse desnivelamento tem sua origem num abaixamento do solo que se realizou ao tempo em que só o pavimento inferior estava construído.

A torre tem sete andares. O inferior compõe-se de uma muralha circular de mármore branco, inserida numa cinta de colunas ligadas por arcos e ornada de losangos. Os outros seis andares compõem-se também de galerias de colunas e arcos cêntricos. Foi começada em 1174 e acabada em 1350, sendo a construção feita segundo os planos de Bognano, a quem se devem também as portas de bronze do transepto meridional da catedral.

Durante séculos se orgulhou Pisa da sua

torre inclinada, mas de certa época por deante começou a temer que o monumento sucumbisse na sua luta demorada contra as leis elementares da construção. Outras torres inclinadas têm sido demolidas. A chamada Torre Nova, de Saragossa, construída de 1504 a 1575, em tempos de Fernando o Católico, teve de ser condenada. O monumento começou a inclinar-se por esmagamento dos tijolos que constituíam uma parte de uma das suas faces. Depois, durante séculos, essa inclinação foi lentamente aumentando, até que, em 1887, teve de ser apeada, para não cair ela espontaneamente esmagando as casas que se abrigavam à sua sombra. Tinha resistido ao célebre cerco que os franceses fizeram a Saragossa em 1809.

Os de Pisa procuram conservar a sua torre. Já na primeira metade do século XIX estudaram o assunto. Viram que os alicerces tinham apenas 3,60 de profundidade e que uma nascente de água existente naquele nível os ia, pouco a pouco, desagregando. Cavaram então um poço nas proximidades da torre, pensando que a água, afluindo à excavação, poupasse os alicerces. De facto, o



A Torre de Pisa



A Torre de Ulm

poço encheu-se, mas determinando maior rapidez da corrente e assim trazendo maior dano aos alicerces.

A torre continua, portanto, no seu lento desvio da linha vertical, e a Municipalidade de Pisa resolveu constituir uma comissão de sábios para estudar a doença do monumento e propôr os meios de a combater. A Comissão decidiu que se devia impedir a corrente de águas subterrâneas naquele local, bem como consolidar o terreno com injeções de cimento nos buracos da alvenaria e nos poros do solo.

A torre de Pisa é, portanto, um edifício que nasceu doente e cuja doença se vai agravando com a velhice. Tem irmãs, mais ou menos conhecidas: mesmo em Pisa, a de S. de Nicolau; as duas torres de Bolonha que datam do começo do século XII; as da Ems e de Ulm na Alemanha; a de Delft na Holanda; e outras ainda. Não obra propositada dos homens, mas obra defeituosa por condições especiais do solo em que assentam, elas não poderão, como as pirâmides egípcias, desafiar impunemente a acção demolidora dos séculos.

F. MIRA.



ATLANTIDA

ROMANCE

de PIERRE BENOIT
ILUSTRAÇÕES DE ROBERTO NOBRE

(Romance votado no concurso do *Magazine Bertrand* e publicado nas nossas páginas por acôrdo com aquela revista)

e lá ofereceu trezentos mil mithkais de ouro, bravos tempos em que o nosso poder se estendia sem opposição, do Tchad ao Tuat e ao mar do ocidente, e em que Gão levantava por cima de tôdas as cidades a sua cúpula irrnã do céu, mais alta de tôdas as cúpulas suas rivais, que a tamangueira entre as humildes plantações de Sorgo.

CAPÍTULO XVI

O MARTELO DE PRATA

Je ne m'en défends plus et je ne veux qu'aller Reconnaître la place où je dois l'immoler.

ANDROMAQUE.

Este foi o tempo que fez na noite em que se passou o que vou contar-te.

As cinco horas da tarde o céu escureceu e no ar pesadíssimo, appareceram sinais certos de próxima tempestade.

Hei de lembrar-me sempre: foi no dia 5 de Janeiro de 1897.

Hiram-Rei e Galé jaziam abatidos na esteira do meu quarto. Encostado à janela com Tanit-Zerga, eu espreitava os sinais precursadores dos relâmpagos. E appareceram um a um, rasgando a escuridão, já completa, com os seus ziguezagues violáceos. Mas não se ouviram trovões.

A tempestade não parou nos cumes do Hoggar. Passou sem reventar, deixando-nos alagados em suor.

— Vou-me deitar — disse Tanit-Zerga.

O quarto dela ficava por cima do meu, entre as duas janelas medeava uma altura de dez metros.

Tanit-Zerga pegou em Galé ao colo. Mas Hiram-Rei agarron-se à esteira com as quatro patas, deitou uns miãos muito altos de zanga e medo, e não houve quem o arrancasse dali.

— Deixa-o lá — acabei por dizer. — Por uma noite pode dormir aqui.

E foi assim que elle teve grande responsabilidade nos factos que vão seguir-se.

Uma vez sózinho abismei-me nos meus pensamentos.

A noite estava negra e reinava um silêncio de morte.

Bramidos selvagens de Hiram-Rei me vieram arrancar à meditação. O animal arranhava na porta desesperadamente, estendido por ela acima. Quería por força ir-se embora, tinha para onde ir...

Porém não consegui tirá-lo dali. Deu-me uma sapatada que me ia fazendo cair. Então sentei-me no sofá a meditar. Mas foi pouco tempo. De que serve andar eu a enganar-me a mim próprio? Depois que Merhan-ge se foi embora, só tenho uma ideia. Para que hei de fazer por entreter-me com as his-

tórias de Tanit-Zerga por mais bonitas que sejam!...

Este lobo-tigre é um pretexto, é talvez um guia. Esta noite vão passar-se coisas misteriosas. Como pude ficar tanto tempo na inacção!

E logo me resolvi.

«Se abro a porta, pensei, Hiram-Rei deita a fugir pelos corredores fora, e eu hei de ter que fazer se quiser ir na pista d'êlle. Tenho de proceder de outra maneira.

O estore da janela puxava-se com uma cordinha. Arranquei-a. Torci-a e fiz uma corda forte, que prendi à coleira do animal; e entreabri a porta.

— Bom, agora pode saír. Devagarinho, vá, devagarinho.

Porque eu tinha mais difficuldade em conter o ardor de Hiram-Rei que me arrastava pelo tenebroso dedalo dos corredores.

Eram pouco mais de nove horas, e as lâmpadas côr de rosa estavam quasi apagadas em seus nichos. De vez em quando passávamos por uma que espirrava, prestes a extinguir-se. Que labirinto! Já me não seria possível voltar para trás. Só me restava deixar-me levar pelo lobo-tigre.

As fúrias do principio, succedeu no animal a comprehensão de que eu não o deixaria ir sózinho; e corria rasteiro ao chão, bufando de alegria. Os corredores negros, são todos iguais; e lembrei-me de que Hiram-Rei podia ir direito à sala do bacará. Mas era fazer má ideia d'êlle: privado também há muito tempo duma presença muito querida guiava-me para onde eu queria ir.

De repente, ao voltar uma esquina, appareceu no meio da escuridão, uma rosácea de luz verde e encarnada muito pálida. O lobo-tigre parou com um miar surdo diante da porta de onde vinha a luz. Era a mesma que um targui branco me fizera transpôr no dia seguinte ao da chegada, quando Hiram-Rei se atirou a mim — quando eu vira Antínea.

— Hoje somos melhores amigos, — disse-lhe eu muito baixinho, e fazendo-lhe uma festa para elle não dar sinal de si.

Tentei abrir a porta: tinha apenas um fecho que bastou voltar. Encurtei o cordão para segurar melhor o lobo-tigre, que já tremia todo nervosamente.

A sala em que eu vira Antínea pela primeira vez estava às escuras; mas o jardim para onde ella deitava, desenhava-se nebulosamente, ao luar turvo que caía do céu pesado da tempestade que não reventava. Nem uma aragem; o lago luzia como chapa de estanho.

Sentei-me numa almofada com o lobo-tigre sólidamente preso nos braços a ronronar de impaciência, pensando nos meios de pôr em prática a minha ideia.

«Os tuaregues empurravam-nos, obrigavam-nos a correr, porque tinham medo de ser perseguidos. Caminhámos assim dez dias, e à medida que desaparecia o milho e o cânhamo, a marcha tornava-se mais dolorosa. Enfim, perto de Isakeryen, na terra de Zidal, os tuaregues venderam-nos a uma caravana de mouros Trarsas que iam de Mabrouk para Rhât. Cuidei que iamos viver num céu aberto, porque não andávamos tão depressa. Mas de repente, o deserto appareceu cheio de pedras, e as mulheres começaram a cair. O último homem tinha morrido à pancada, havia muito, por se ter recusado a andar.

«Quando algumas das minhas amiguinhas caía e dava mostras de não poder levantar-se, um dos guardas descia do camello, afastava-se com ella para o lado e degolava-a. E eu corria, corria o mais que podia, para não ouvir o grito dela. Mas um dia, ouvi um grito que me fez voltar. Era minha Mãe: estava ajoelhada e estendia-me os braços. Corri para ella, mas logo nos separou um mouro enorme vestido de branco. Trazia elle ao pescoço, pendente de um colar preto, uma bainha de marroquim encarnado, donde tirou o cutelo. Estou ainda a ver a lâmina azulada entrar na carne morena. Outro grito — Horrível! E logo a seguir, empurrada com pancadas das mocas nodosas, eu punhame a correr engulindo as lágrimas, para ir retomar o meu lugar na caravana.

«Junto dos poços de Asiú foram os mouros por sua vez atacados por um bando de tuaregues Zel-Tazhólet servos da grande tribo de Zel-Khelá, que manda no Hoggar, a todos os mouros. Foi assim que me trouxeram para aqui e me ofereceram a Antínea, que sympathiza comigo e sempre me tem tratado bem. E é por isso que tens hoje, para entreter-te enquanto estás doente, com histórias que nem sequer escutas, não uma qualquer, mas a última descendente dos grandes imperadores sourhai, de Sonni-Ali, o devastador de terras e homens, de Mohammed-Azkiá, que foi a Meca, em peregrinação, com mil e quinhentos cavaleiros,

Pareceu-me ouvir ao longe um ruído de vozes. Hiram-Rei rosnou mais de rijo, e quiz fugir. Alonguei a corda e ele pôs-se a correr ao longo das paredes negras, direito ao sítio donde parecia vir o som. Fui atrás d'êlo tropeçando o menos que podia nas almofadas do chão. Os meus olhos, mais acostumados à escuridão, distinguiram a pirâmide de almofadas onde eu vira Antínea.

Tropecei no lobo-tigre, que tinha parado. Pisei-lhe a cauda, mas o valente animal não gritou. Apalpei a parede e vi que estava diante de outra porta. Abri-a devagarinho como a outra. O lobo-tigre rugiu de manso.

— Hiram-Rei, cala-te — murmurei.

E deitei-lhe os braços ao pescoço. Senti-o lambe-me as mãos com a língua húmida e quente. Arquejava de imensa felicidade.

Diante de nós aparecia outra sala iluminada no centro, onde seis homens deitados numa esteira, jogavam os dados bebendo café em minúsculas chávenas de cobre de pé alto. Eram os tuaregues brancos.

A lanterna, suspensa no tecto, iluminava apenas o sítio onde se encontravam. Em volta a sombra era densíssima.

As faces escuras, as chavenas de cobre, os albornoses brancos, a obscuridade e a luz movediças, compunham uma água-forte singular. Jogavam recolhida e gravemente, anunciando com voz rouca o valor das jogadas. Então, devagarinho, desatei a corda da coleira do impaciente animal e disse-lhe: — vai.

Deu um salto com um rugido agudo. Aconteceu o que eu previa. Hiram-Rei caiu no meio dos tuaregues brancos, e apavorou-os. Deu outro pulo e sumiu-se na sombra doutro corredor que adivinhei em frente daquele em que eu estava.

«É ali», pensei eu.

Na sala havia uma confusão enorme, mas discreta; percebia-se que a proximidade de uma grande presença impunha reserva aos guardas exasperados. As entradas e os dados tinham rolado para um lado, as chávenas para outro. Dois tuaregues, muito afitos, esfregavam as costelas, praguejando surdamente.

Aproveitei a barafunda para me esgueirar através da sala, e estava encostado à parede do corredor por onde desaparecera Hiram-Rei, quando tinniu uma campainha. Pelo estremecer dos tuaregues vi que tinha adivinhado.

Um d'êles levantou-se e passou a meu lado. Segui atrás d'êlo. Ia perfeitamente calmo e pesava serenamente o mais pequeno movimento.

«Na altura em que estou, pensei eu, o mais que pode acontecer-me é levarem-me delicadamente para o meu quarto.»

O targui levantou uma tapeçaria. Atrás d'êlo entrei no quarto de Antínea. O sítio em que ela se encontrava, estava iluminado com muitas luzes veladas com sombreiros; o resto era escuridão.

Os que conhecem as casas mussulmanas, sabem o que é um guinhal, espécie de nicho quadrado, cavado na parede, a quatro pés de altura do chão, tapado com uma cortina. Sobee-se por uns degraus. Adivinhei que havia um à esquerda; escondi-me nele. Batia-me a sangue nas veias; todavia eu continuava sereno.

Via e ouvia tudo.

Era o quarto de Antínea. Não tinha nada

de especial, a não ser grande quantidade de tapetes. O tecto estava na escuridão, mas as tapeçarias e as peles eram brandamente iluminadas por muitas lanternas de côres, que espalhavam uma luz longínqua e suave.

Deitada numa pele de leão, Antínea fumava. Ao lado dela estava uma salva e um jarro de prata. Hiram-Rei, estendido no chão, lambia-lhe os pés perdidamente.

O targui branco ficou em pé, hirtto, saudando-a com a mão no peito. E ela disse-lhe duramente, sem olhar sequer para êle:

— Porque deixaram passar o lobo-tigre?

Eu tinha dito que queria estar sózinha.

Ele desculpou-se humildemente:

— Ele saltou por cima de nós, atropelando-nos.

— Então as portas não estavam fechadas?

O targui não respondeu.

— Levo o lobo-tigre? — perguntou.

E os seus olhos, postos em Hiram-Rei que o fitava com rancor, mostravam quanto desejava que a raíña lhe dissesse que não.

— Já agora, deixa-o — respondeu Antínea, que batia febrilmente com a boquilha na salva.

— Em que se entretém o capitão? — perguntou.

— Janton muito bem há bocado.

— Não disse nada?

— Pediu que o deixassem ver o camarada.

Antínea bateu com a boquilha mais nervosamente.

— Então ainda não disse nada?

— Senhora, ainda não.

Espalhou-se certa palidez pela frontesinha da Atlântida.

— Vai buscá-lo, ordenou bruscamente.

O targui inclinou-se e saiu.

Ouvi êste diálogo com ansiedade inexprimível. Era então certo! Morhange tinha querido ver-me e não o tinham deixado! Injustamente eu duvidara d'êlo.

Meus olhos não deixavam Antínea.

Já não era a princesa orgulhosa e sarcástica do nosso primeiro encontro. Não tinha na frente o bureu de ouro. Nem uma pulseira, nem um anel. Vestia-a apenas uma grande túnica de lhamma. Os cabelos negros caíam-lhe em grandes manchas de ébano pelos ombros delgados e pelos ombros nus.

Tinha grande olheiras roxas, e a boca divina fixava-se num geito de cansaço. Não sei se me sentia triste ou alegre, de ver assim palpitar aquela nova Cleópatra.

Encolhido a seus pés, Hiram-Rei fitava-a humildemente.

Na parede da direita estava metido um espelho de oricalco com reflexos dourados. E de repente Antínea pôs-se em pé, e apareceu nua diante d'êlo.

Oh! espectáculo de esplêndida amargura!

Como procede diante do espelho uma mulher que se cuida sózinha, à espera do homem que quer vencer.

Subiam colunas invisíveis de fumo perfumado de seis turbilhões espalhados pelo quarto. As essências balsâmicas da Arábia-Petrea teíam tramas ondeantes em que se perdiam os meus sentidos sem freio... E de costas voltadas para mim, diante do espelho, direita como um lírio, Antínea sorria.

Ressoaram no corredor passos surdos. E num instante, Antínea retomou a posição indiferente em que eu a vira pela primeira vez. É preciso ter visto uma transformação destas, para crer nela.

Morhange entrou no quarto atrás do targui branco. Também vinha pálido; mas o que mais me impressionou foi a expressão de paz e serenidade que reinava naquele rosto que eu cuidara conhecer tão bem.

E percebi que nunca eu soubera avaliar que qualidade de homem era Morhange, nunca.

Ficou em pé diante de Antínea sem dar mostras de compreender o gesto que o convidava a sentar-se ao lado dela.

Antínea olhou para êle e sorriu:

— Talvez te admires de que eu te mande chamar tão tarde...

Morhange não pestanejou.

— Reflectiste bem? — perguntou ela.

Morhange sorriu gravemente e não respondeu. Li no rosto de Antínea um esforço enorme para continuar sorrindo, e admirei o domínio que aqueles dois seres exerciam sobre si próprios.

— Mandei-te chamar — continuou ela — não adivinhas para quê? Para te dizer uma coisa que tu não és capaz de adivinhar. Não te dou nenhuma novidade, se te disser que nunca vi um homem como tu. Durante todo o teu cativeiro ao pé de mim, só mostraste um desejo. Lembras-te?

— Pedi-lhe autorização para ver o meu amigo antes de morrer — disse simplesmente Morhange.

Ao ouvir estas palavras não sei que sentimento me impressionou mais profundamente: se o encanto de ver que Morhange não tratava Antínea por tu, se a comoção de saber qual tinha sido o seu único desejo.

Mas já Antínea respondia com voz serena:

— Foi precisamente para isso que te mandei chamar, para te dizer que vais tornar a vê-lo. E não faço só isso. Desprezar-me háis, aventura, ainda mais, ao ver que bastou resistires-me para me dominares, a mim, que até hoje dobrei à minha vontade todas as outras. Mas seja como for, está decidido: dou a ambos a liberdade. Amanhã, Cegheir-ben-Cheik os conduzirá para fora da quintupla muralha. Ficas satisfeito?

— Fico — disse êle com um sorriso sarcástico.

Antínea olhou para êle.

— Isso vai permitir-me — continuou Morhange — organizar um pouco melhor a primeira expedição que fizer cá por êstes lados. Porque a senhora duvida de que eu desejo voltar, para lhe mostrar a minha gratidão. Sómente, desta vez, para prestar a tão grande raíña as homenagens que lhe são devidas, hei de pedir ao meu governo que me ceda uns duzentos ou trezentos soldados europeus e alguns canhões.

Antínea, muito pálida, pôs-se de pé.

— Que dizes tu?!

— Digo — respondeu friamente Morhange — que já tinha previsto que depois das ameaças havia de tentar-me com promessas.

Antínea foi direita a êle.

O capitão cruzara os braços, e fitava-a com certa compaixão grave.

— Hei de fazer-te morrer no meio dos mais atrozes supplicios — disse ela por fim.

— Sou seu prisioneiro.

Antínea andava de um lado para outro como uma fera na jaula. Foi direita ao meu companheiro, e, fora de si, deu-lhe uma bofetada.

(Continua)



Passatempo

FLORES E FITAS

(Problema)

Pedimos às nossas leitoras que descubram sobre o triângulo formado por flores e fitas, que nesta página lhes apresentamos, uma



figura geométrica regular, de seis lados iguais, e dividida em doze partes iguais e simétricas, de tal modo que, em cada uma das divisões se encontre ou uma flôr ou um laço de fita.



Na estação do telegrafo duma terra de provincia.

O viajante: — Na semana passada mandei um telegrama de Lisboa, para a firma Sampáio e Lima desta vila.

O empregado da estação: — Sim, senhor, e então o que há?

O viajante: — É que, se o senhor puder achar por aí o telegrama, dê-mo, que eu mesmo o vou levar ao seu destino.

AGRADECIMENTOS DEVIDOS

— Está ali um sujeito que o procura, senhor doutor. É um rapaz novo e parece muito excitado — annuncion o criado entrando, de vagar, no gabinete onde o médico elegante estava escrevendo.

— Manda-o entrar já, manda-o entrar já! — disse este, presentindo uma boa paga em troca de qualquer prescripção sua para uma doença imaginária de nervos.

Quando o visitante entrou, foi direito ao médico e apertou-lhe fervorosamente a mão.

— Eu quiz cá vir, doutor — exclamou êle, com entusiasmo — apenas para lhe dizer quanto lucrei com o seu tratamento.

— Mas... — retorquiu o médico, um tanto embaraçado — não tenho idéa de V. Ex.^a, como meu cliente.

O rapaz sorriu-se.

— Não sou eu — explicou — meu tio é que era, e eu sou herdeiro dele.



Depois do jantar, tendo-se as senhoras retirado para a sala, os homens demorando-se ainda à mesa a fumar, começaram a discutir o amor.

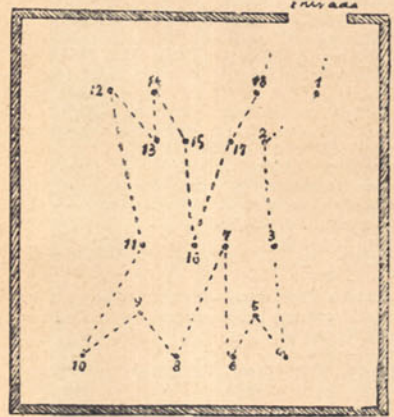
De repente o dono da casa exclamou: — Pois olhem, meus senhores, o que lhes digo é isto. Na minha vida tenho tido occasião de beijar raparigas da Argentina, do Japão, de Inglaterra, da Espanha e da França; mas digo-lhes sinceramente, prefiro a todos êsses os beijos de minha mulher.

Nisto um dos convidados grita entusiasmado, do outro lado da mesa:

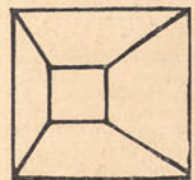
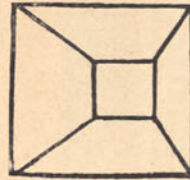
— Tem razão; tem mesmo muita razão!

QUEBRA CABEÇAS

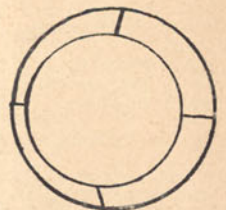
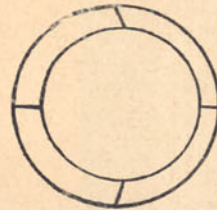
(Solução)



EXPERIÊNCIA OPTICA MUITO CURIOSA



Coloque-se verticalmente um cartão de visita entre êstes dois desenhos, que representam, um, a perspectiva de um tronco de pirâmide, visto do alto com o olho esquerdo, e o outro a perspectiva do mesmo tronco de pirâmide, visto também do alto com o olho direito, e de modo que o primeiro seja visto



com o olho esquerdo e o segundo com o direito; e olhando fixamente, vê-se há, passado pouco tempo um só tronco de pirâmide sólido.

Da mesma maneira, coloque-se o cartão entre os segundos desenhos, que representam, um a perspectiva de um tronco de cone visto do alto, com o olho esquerdo, o outro a perspectiva do mesmo tronco de cone, visto também do alto, mas com o olho direito, e olhe-se fixamente; vê-se há, quasi que de súbito, com bellissimo efeito, um só tronco de cone em relêvo.



— Na verdade, minha querida, cada vez que olho para êsse teu chapéu novo, não posso deixar de rir.
— Sim? Então hei de pô-lo na calça quando mandarem receber a conta.

(Do «Punch»)

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM MAIO DE 1928

LITTERATURA

ANTERO (ADRIANO) — *Os Falsos Príncipes*. 174 p. 8.º — 10\$00.
 ARDEL (HENRI) — *O caminho em declive*. Romance. Trad. de Vasco Rodrigues. 287 p. 8.º — 10\$50.
 CARDOSO (ÓSCAR) — *Mar de sargaços*. Versos. 95 p. — 7\$50.
 COELHO DA CUNHA (JOSÉ) — *Cancioneiro de Amor*. Sonetos. 122 p. c. vinh. — 10\$00.
 CONCEIÇÃO (DIAMANTINA E. DA) — *Isabelinha* (Biblioteca Fidelidade Cristã, VI). II. de Arminda L. da Conceição. 126 p. 8.º c. grav. — 4\$00.
 CORRÊA DE OLIVEIRA (ANTÓNIO) — *Auto das quatro estações*. 2.ª ed., refundida: lição definitiva. 186 p. 8.º — 10\$00.
 DEMESSE (HENRY) — *O Colar da moria*. Romance de aventuras. Trad. de Aprígio Mafra. 126 p. 8.º c. capa il. por Alfredo Morais. — 3\$50.
 FIGUEIRA LOPES (JOSÉ) — *Auto de Esculápio*. 123 p. 8.º — 9\$00.
 FRAZÃO (PAULO) — *Chuva de Maio*. Versos. 78 p. — 7\$50.
 GALOPIN (ARNOULD) — *O homem do falo cinzento*. Romance de aventuras policiais. Trad. de A. P. 114 p. 8.º c. capa il. por Alfredo Moraes. — 3\$00.
 GOMES (JOÃO JOSÉ) — *O Livro branco da revelação*. 95 p. — 3\$50.
 LOBO (ACÁCIO) — *Curso prático de inglês comercial*, compreendendo: correspondência e conversações, expressões, termos e fórmulas de comércio... um mapa comercial de Inglaterra e um vocabulário. Nova ed. 368 p. 8.º — 8\$00.
 LUNA DE OLIVEIRA — *Infante Santo*. Drama histórico em verso. 5 actos. Capa il. e retr. do A. e maquettes. 131 p. — 10\$00.
 MAGALHÃES LIMA — *Episódios da minha vida*. Memórias documentadas com fotografias e caricaturas de Rafael Bordalo Pinheiro, Celso Hermínio, Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro e Francisco Valença. 2.ª ed. 334 p. 8.º — 10\$00.
 MARQUES (JOÃO JOSÉ) — *Milagres de San-Milhão*. Trinta provérbios portugueses exemplificados. 304 p. 8.º.
 MEU (O) TOCADOR — *Beleza e higiene femininas*. (De tudo um pouco. Coleção Prática). 46 p. — 3\$00.
 MOURA VITÓRIA — *Fogueiras* (Quadrás). 62 p. — 5\$00.
 PEREIRA DA CUNHA (SEBASTIÃO) — *Serões de Portozelo*. 46 p. — 5\$00.
 RAMOS DA CRUZ (EMÍLIA) — *Prantos e sorrisos*. Versos. 128 p. 8.º — 15\$00.
 RODRIGUES LOBO (FRANCISCO) — *Eglogas*. Conforme a ed. *princeps* (1605). Introdução e notas de José Pereira Tavares (Biblioteca de Escritores Portugueses, série C.) 260 p. 8.º — 20\$00.
 SACRAMENTO (LUÍS) — *Cesto de cravos*. Prefácio de José Agostinho. Capa de Américo Tavares. 85 p. — 6\$00.

nuto. 2.ª ed. 376 p. 8.º c. grav. de Alfredo de Moraes.
 DIAS PINHEIRO (ALFREDO) — *Os Celtas e povos com eles relacionados*. 484 p. 8.º — 17\$50.
 FERREIRA (MONS.º JOSÉ AUGUSTO) — *Notas biográficas do E. e R. Senhor D. Manuel Vieira de Matos, Arcebispo Primaz*. 368 p. c. grav. e um retr.
 MURALHA (PEDRO) — *Cartilha colonial*. Breve resenha histórica, geográfica e económica das colónias portuguesas. O esforço português na África, América, Ásia e Oceania. 75 p. 8.º — 5\$00.
 OLIVEIRA MARTINS (J. P.) — *O Hellenismo e a civilização cristã*. Nova ed. 307 p. 8.º — 10\$00.
 PRESTAGE (EDGAR) — *As Relações diplomáticas de Portugal com a França, Inglaterra e Holanda, de 1630 a 1668*. Trad. de Amadeu Ferraz de Carvalho. 263 p. 8.º c. grav. — 25\$00.
 VITORINO (PEDRO) — *O grito da independência em 1808*. — 142 p. c. 34 grav. — 15\$00.

SCIÊNCIAS E ARTES

ALMEIDA (TIAGO DE) — *Lições de clínica médica*. Vol. I 2.ª ed. 224 p. 8.º c. grav. — 20\$00.
 BARBOSA (FRANCISCO) — *Manual do aprendiz de relojoeiro*, contendo as principais noções sobre a arte de relojoeira. 180 p. c. grav. — 7\$50.
 CABRAL (GUIDO) e NUNO Vaz — *O Zinco sulfarsenol como um novo agente terapêutico da sífilis*. 27 p.
 CABREIRA (ANTÓNIO) — *Esquemas algébricos dos calendários solar, lunar e luni-lunar*. 21 p. — 7\$50.
 CANTOS (PAULO DE) — *Trabalhos manuais edu-*

cativos (para liceus, escolas industriais, etc.). Série «Os Portugueses de Acção». 177 p. 8.º c. grav. — 10\$00.
 CARTON (PAUL) — *As Leis da vida sã*. Trad. de Fernando Sá. 2.ª ed. 288 p. 8.º — 8\$00.
 COSTA (ELIAS DA) — *A Medicina científica* (Coleção Covilhãneses de Cultura Geral). 283 p. 4.º.
 FERNANDES (JOSÉ A.) — *O Toureiro espanhol em Portugal*. 38 p. — 3\$00.
 RIO DE JANEIRO (ANTÓNIO) — *Indústria de sabões e sabonetes*. (Biblioteca de Instrução Profissional). 93 p. c. grav. — 6\$00.

SCIÊNCIAS CIVIS

ANUÁRIO COMERCIAL DE PORTUGAL. 48.ª ed. 1928. 2 vol. — 250\$00.
 ANUÁRIO COMERCIAL DO PÓRTO, GAÍNA, MATOZINHOS e restantes concelhos do distrito. Coordenado sob a direcção de Inácio dos Santos Viseu Júnior. 724 p. e mais CCCXIII. — 40\$00.
 AZEVEDO (PEDRO DE) — *Linhas gerais da história da diplomacia em Portugal*. 47 p.
 CARQUEJA (BENTO) — *O Problema monetário português*. 236 p. 8.º.
 CÓDIGO CIVIL PORTUGUÊS. Aprov. por carta de lei de 1 de Julho de 1867. Nova ed. oficial. 369 p. 8.º — 15\$00.
 PITTA (PEDRO) — *Comentário ao Código do Registo Predial*. (Dec. 15.113, de 6 — Março — 1928). 331 p. 8.º — 35\$00.

RELIGIÕES

MAHAUT (ALBERT) — *O Cristão, homem de acção*, com uma carta do P.º A. D. Sertillanges e um prefácio de Georges Goyan. Obra premiada pela Academia Francesa. Trad. do francês. 152 p. 12.º — 3\$50.

ESTRANGEIROS AMIGOS DAS NOSSAS LETRAS



D. RAMIRO DE MAEZTU

Escritor basco de grande relevo, a quem a litteratura portuguesa deve muitos e altos serviços de critica intelligente e poderosa propaganda, actual embaixador da Espanha na Argentina por seus meritos intellectuais.

BELAS-ARTES

ASSUNÇÃO MATOS (JOSÉ D') — *Elementos de desenho e de história da arte*. 94 p. c. grav. — 4\$00.
 LACERDA (AARÃO DE) — *O Pantheon dos Lemos na Trofa do Vouga*. 95 p. c. grav. — 40\$00.
 LAPA (ALBINO) — *A Questão dos Painéis*. Resbõço histórico e bibliografia. 42 p. — 15\$00.

POLIGRAFIA

DICIONÁRIO PRÁTICO ILUSTRADO. Novo dicionário enciclopédico luso-brasileiro, sob a direcção de Jaime de Ségurier. 2.ª ed., revista. 1780 p. 16.º a 2 columnas e com gravuras. — 30\$00.
 GUIMARÃES (BERTINO DACIANO R. S.) — *A Língua portuguesa e a música, na sua relação fonológica*. Com uma análise à fonética da lingua portuguesa. 64 p. c. capa il. por Emmanuel Ribeiro.



ERRATA. — Esta secção saiu no nosso número anterior sob um título errado, facto de que certamente e logo à primeira vista o leitor se apercebeu, pois a matéria nela contida era de bibliografia estrangeira, e não portuguesa, como, por lapso saiu. Também a resenha de obras nacionais que veio inserta no n.º 59 foi indicada como relativa a Março, quando, na verdade, era referida a Abril último.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

ALVES (FRANCISCO MANUEL) — *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança. Os Fidalgos*. Tomo VI. 806 p. 8.º — 40\$00.
 BUNYAN (JOÃO) — *As guerras da famosa cidade da Almahumana*. Trad. de João S. Cl-

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente todas as informações ás consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Annual		Semestre	Annual
CONTINENTE E ILHAS...	22\$00	43\$00	84\$00	ESPAÑA...	47\$00	92\$00
Registados...	24\$40	47\$80	93\$60	Registados...	51\$80	101\$60
ÁFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL...		49\$00	96\$00	BRASIL...	52\$00	102\$00
Registados...		53\$80	105\$60	Registados...	61\$60	121\$20
ÍNDIA, MACAU E TIMOR...		53\$00	104\$00	ESTRANGEIRO...	63\$00	124\$00
Registados...		57\$80	113\$60	Registados...	72\$60	143\$00

NÚMERO AVULSO 4\$00

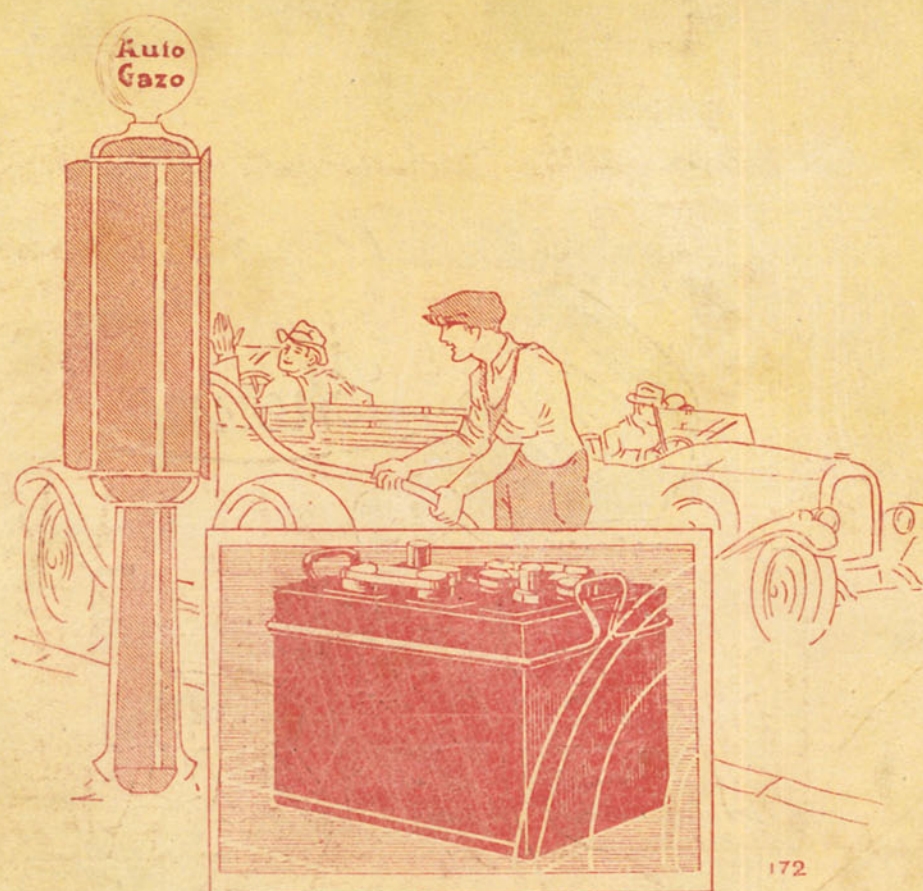
Urotropina efervescente

Schering



DE SABOR EXCELENTE
DE INEXCEDIVEL EFICÁCIA

A Urotropina efervescente Schering é manipulada sob a base da Urotropina original Schering, que tem sido comprovada por uma experiência clínica de 30 anos como um medicamento preventivo e curativo o mais poderoso contra as doenças infecciosas, especialmente das vias urinarias, biliares e intestinais. A Urotropina efervescente Schering é uma bebida extremamente agradável e um medicamento sob todos os pontos eficaz.



**POUPE O ACUMULADOR
DO SEU AUTOMOVEL**

Empregando uma gasolina
que pela sua qualidade ga-
ranta um arranque facil

Auto-Gazo

é essa gasolina

VACUUM OIL COMPANY